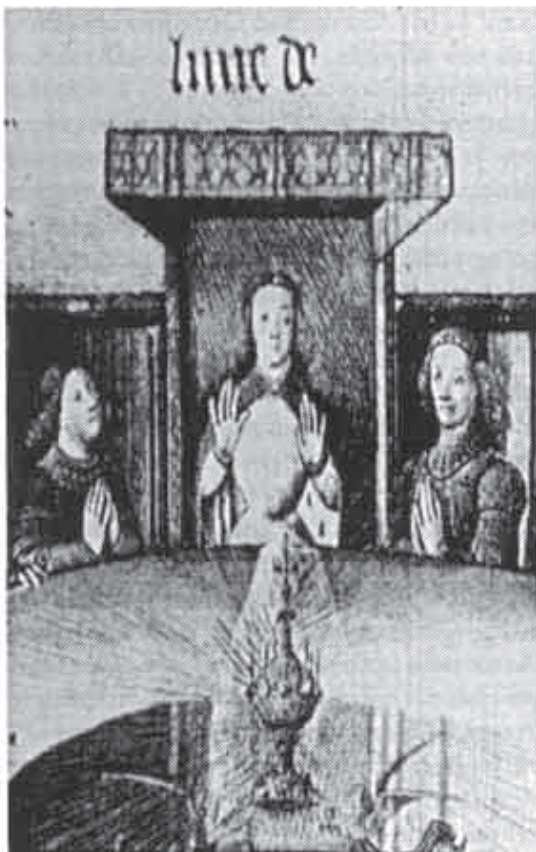


A recente tradução brasileira do *Merlin de Robert de Boron* do francês antigo, editado por Alexandre Micha, provocou este texto de Fanni Bogdanow, porventura a arturiana, hoje, que melhor conhece os manuscritos medievais da matéria. Discípula de Eugène Vinaver, levou suas pesquisas ao ponto de provar que a matéria arturiana passou, ainda no século XIII, e em seu país de origem, a França, por uma reelaboração a que ela designou *The Romance of the Grail*, livro publicado em 1966, pela Manchester University Press, da universidade inglesa onde trabalha. Atualmente, estão sendo divulgadas em livro - quatro volumes, em cinco tomos, da coleção *Société Anciens Textes Français* - todas as fontes primárias que comprovam sua tese. É sua edição da *Post-Vulgata arturiana*. Saíram em 1991 os volumes I, II e IV-1. São esperados para este ano o volume III e o segundo tomo do volume IV (Heitor Megale).

Um dos escritores cuja obra influenciaria, mais do que qualquer outra, o desenvolvimento subsequente do romance arturiano foi Robert de Boron, um cavaleiro ou clérigo borgonhês que exerceu sua atividade literária no final do século XII ou início do século XIII, provavelmente entre 1191 e 1212 (1).



# FANNI BOGDANOW

# O Graal, Artur e Merlim segundo Robert de Boron

Comparada à de seu predecessor imediato, Chrétien de Troyes, o autor de cinco romances em verso incluindo o famoso *Chevalier de la Charrete* (*Lancelot*) e o *Conte du Graal* (*Perceval*) (2), a produção de Robert de Boron foi pequena: um díptico em verso compreendendo uma história primitiva do Graal conhecida geralmente como *Joseph* ou *Le Roman de l'Estoire du Graal* e uma *Estoire de Merlin*. E enquanto conhecemos vários romances de Chrétien, a partir de numerosos manuscritos, somente a primeira seção da obra de Robert, o *Joseph*, sobreviveu em sua forma completa com sua redação original em verso, e isso em um único códice que data de fins do século XIII, B. N. fr. 20047, o qual é seguido pelos primeiros 504 versos do *Merlin* em verso, o único vestígio deste (3).

Mas Robert teve a boa sorte de escrever numa época em que o surgimento de duas novas tendências asseguraria a sobrevivência de sua obra: o uso da prosa como veículo para o romance arturiano e a prática dos escritores de combinar narrativas em ciclos sempre maiores e mais coerentes. Logo após a sua composição, não só o *Joseph* mas também o *Merlin* foram vertidos em prosa (4).

FANNI BOGDANOW é professora da Universidade de Manchester, Inglaterra

Tradução de HEITOR MEGALE e SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO

mas essas redações em prosa viriam a tornar-se por sua vez seções de ciclos maiores.

Em dois dos manuscritos restantes, o *Joseph* e o *Merlin* em prosa são seguidos de uma *Demanda do Santo Graal* e de um relato da morte de Artur, o assim chamado complexo *Didot Perceval*, algumas vezes atribuído erradamente ao próprio Robert (5), enquanto, de longe, na grande maioria dos manuscritos, o *Merlin* em prosa, seguido de uma continuação conhecida como a *Suite Merlin* da *Vulgata*, forma a segunda seção do ciclo da *Vulgata* de romances arturianos em prosa que, em sua forma final, compreende cinco seções: 1) uma *Estoire del Saint Graal* que tem como base o *Joseph* em prosa de Robert mas elabora muito a sua narrativa; 2) o *Merlin* com sua *Suite* da *Vulgata*; 3) o *Lancelot* em prosa (que inclui uma adaptação em prosa da *Charrete* de Chrétien); 4) a *Queste del Saint Graal*; e 5) a *Mort le Roi Artu* (6).

Finalmente, o tríptico da *Post-Vulgata Roman du Graal*, uma reelaboração e reinterpretação do ciclo da *Vulgata*, reproduziria, após a *Estoire del Saint Graal*, uma versão da prosificação do *Merlin* de Robert seguido da *Suite du Merlin* da *Post-Vulgata* e das versões da *Post-Vulgata* da *Queste-Mort Artu* (7).

Toda a *Post-Vulgata* foi traduzida no final do século XIII para o galaico-português e do português para o castelhano. Dessa tradução portuguesa ainda restam a *Estoire del Saint Graal* (8), um fragmento da *Suite du Merlin* da *Post-Vulgata* (9) e a *Queste-Mort Artu* da *Post-Vulgata* (10), se bem que não a versão em prosa do *Merlin* de Robert. A versão castelhana deste último, no entanto, sobreviveu em parte no ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, datado de 1469 (11), e integralmente em duas primitivas edições impressas, Burgos, 1498 (12) e Sevilha, 1535 (13).

Embora a extensão cíclica dos romances arturianos tenha chegado a sua realização completa com o desenvolvimento dos romances do século XIII em prosa, é a Robert de Boron que devemos os primeiros esforços para produzir uma arturiada coerente. É verdade que Chrétien de Troyes que estava familiarizado com o *Brut* (14) de Wace, que inclui um relato da vida e morte de Artur adaptado da *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (15), usou em to-

dos os seus romances o mesmo cenário arturiano e apresentou Artur presidindo a tábua redonda, introduzida pela primeira vez por Wace (16). Mas Chrétien não tentou estabelecer um sentido de continuidade ou relação entre os seus vários romances (17); e não trata em nenhum de seus romances do nascimento ou morte de Artur ou relaciona a aventura do Graal com o destino final da cavalaria arturiana, pois ele não tinha a intenção de escrever uma história abrangente do reino de Artur. Para ele, o mundo arturiano servia principalmente como fundo para as aventuras dos cinco heróis de seus cinco romances separados.

Robert de Boron, que conhecia as diversas obras de seus predecessores, era essencialmente tanto um “historiador” moral, como um construtor de estórias que se impôs a dupla tarefa de não só “corrigir” e completar o *Conte du Graal* de Chrétien, como também de relacioná-lo com uma visão da história arturiana diferente daquela sugerida por Chrétien ou delineada na *Historia* de Geoffrey de Monmouth e no *Brut* de Wace. Para os escritores medievais, como já para os padres da Igreja, a história era “*une science morale, qu'on étudiait en vue d'améliorer les moeurs*” [“uma ciência moral, que se estudava para melhorar os costumes”] (18). Como São Gregório observou em seu *Moralia*, “*la vie des prédécesseurs sert de modèle aux successeurs*” [“a vida dos predecessores serve de modelo aos sucessores”] (19), ou como William de Malmesbury observa em seu *Gesta Regum*: “... a história em particular, que, através do conhecimento agradável dos feitos, desenvolve maneiras e moral e, através de exemplos, incita o leitor a fazer o bem e evitar o mal” (20).

Além disso, eles viam na história as obras da mão de Deus, e grandes calamidades eram explicadas como Deus punindo a má conduta das nações (21). É dessa maneira que um monge do século VI, Gildas, a quem Geoffrey muito deve, interpretou a história recente de seu país em uma obra que traz o título *De Excidio et Conquestu Britanniae* (22). Gildas obviamente não menciona Artur pelo nome, embora o espaço de tempo que ele cobre inclua o período em que Artur, se fosse uma realidade histórica, teria vivido. Geoffrey de Monmouth via a desolação da Grã-Bretanha sob o mesmo enfoque de Gildas (23). Referindo-se em

seu capítulo de abertura a diferentes povos que habitavam a Grã-Bretanha, ele diz: “Ultimamente, a Grã-Bretanha é habitada na verdade por cinco povos: os franco-normandos, os bretões, os saxões, os pictos e os escoceses. Desses, os bretões ocuparam outrora a terra, de mar a mar, antes dos outros chegarem. Então a vingança de Deus os surpreendeu por causa de sua arrogância e eles se submeteram aos pictos e aos saxões (24).

Mas na concepção de Geoffrey, o período arturiano é o ponto alto da história bretã. Por essa razão é somente no período pós-arturiano que ele introduz o tema do povo bretão abandonando a retidão e o seu consequente declínio. O apogeu da condição da Grã-Bretanha ocorre, de fato, quando Cadvalader, um dos sucessores de Artur, cai doente. “Os bretões”, assim diz Geoffrey, “começaram a discutir entre eles e a destruir a organização de sua pátria por meio de uma guerra civil assustadora” (25). A isso seguiu-se uma penosa fome e uma peste mortal. “Os poucos miseráveis que sobreviveram... emigraram para países do outro lado do mar” (26) e “por onze anos a Grã-Bretanha permaneceu deserta de todos os seus habitantes” (27). As palavras de despedida de Cadvalader, quando fazia-se à vela para a Bretanha, sublinham o significado de toda a catástrofe:

“Ai de nós, pecadores, ele gritou, por nossos crimes monstruosos, com os quais nunca cessamos de ofender a Deus, enquanto tínhamos tempo para o arrependimento. A vingança de seu poder repousa grave sobre nós... *Quando Ele, o verdadeiro Juiz, viu que não tínhamos a intenção de pôr um fim aos nossos crimes... Ele decidiu punir-nos por nossa loucura, Ele nos puniu com sua ira...*” (28).

Em contraste com tudo isso e com o intuito claro de evitar que a imagem de Artur e da Grã-Bretanha arturiana se manchasse, Geoffrey de Monmouth explica o desastre que termina com o reino de Artur em termos do conceito medieval de *Fortuna*. De acordo com essa noção, tomada de Boécio, a inconstante deusa *Fortuna* lança os homens para baixo, da prosperidade à adversidade, sem que o tenham merecido. Artur, visto em toda parte como um rei justo, te-

mente a Deus e destemido, lutou, nos primeiros anos de seu reinado, contra os infiéis, os saxões, e submeteu toda a Europa a seu domínio, com exceção de Roma. A guerra, ao fim da carreira de Artur, que o levaria novamente para o ultramar com conseqüências tão trágicas - a rebelião de Morderete que culminou com a morte de Artur -, é apresentada do mesmo modo como uma expedição tão justificável quanto honrosa. Defrontando-se com duas alternativas igualmente intoleráveis, de pagar o tributo a Roma ou de enfrentar a certeza de uma nova invasão à Grã-Bretanha, Artur não teve escolha senão aceitar o desafio romano e, a partir de então, simultaneamente, cumprir “as profecias sibilinas, de há muito tempo, segundo as quais pela terceira vez alguém nascido de sangue bretão deverá apoderar-se do império de Roma” (29). Para sublinhar a inversão súbita e injusta da *Fortuna*, as novas sobre a traição de Morderete alcançam Artur justamente quando ele atinge o apogeu de sua glória e está prestes a marchar contra Roma. É desnecessário dizer que o Graal não figura nem em Geoffrey nem em Wace: é Chrétien quem primeiro introduzirá esse tema na literatura (30).

Ao lado da seção arturiana, Geoffrey de Monmouth optou por escrever sua “história” na forma de uma advertência, sem dúvida, a fim de encorajar os seus leitores a *améliorer les mœurs*. Chrétien de Troyes e Robert de Boron não tiveram menos propósitos didáticos ao escrever suas “histórias” do Graal, mas sua abordagem e técnica são distintas em cada um deles. Chrétien mergulhou na teologia mística de São Bernardo de Claraval, procurada sobretudo por meio de seu herói principal, Perceval, para traduzir em narrativa a convicção de São Bernardo sobre a vaidade do conhecimento e sabedoria mundanos, se eles não forem acompanhados daquela verdadeira sabedoria, conhecimento da individualidade e de Deus (31). Para transmitir essa idéia, ele apresenta Perceval como um jovem que inicialmente é tão ignorante em relação a si mesmo como em relação ao mundo, mas que, aperfeiçoando-se neste último plano, fracassará no nível espiritual e, desse modo, será incapaz de quaisquer feitos bons antes de sua conversão e se omitirá de fazer a pergunta vital do Graal que teria ocasionado a cura do Rei Parálítico, o *Rei Pescador*

(32). A abordagem de Chrétien é alegre e ele procura entender o seu significado através da própria narrativa de uma maneira humorística e irônica. Essa abordagem humorística estende-se por toda a atitude de Chrétien para com o mundo arturiano e, longe de idealizar Artur como faz Geoffrey de Monmouth, ele o trata de modo um pouco irreverente. Enquanto não faz um relato das próprias façanhas de Artur, sugere que ele era um rei fraco que negligenciava seus deveres reais, principalmente os de proteger seus vassallos. Na passagem em que a mãe de Perceval fala de sua vida passada, ela revela que, enquanto no tempo do pai de Artur, Uterpendragão, tudo estava bem no reino, após a morte de Uterpendragão, havia anarquia e injustiça social: *li gentil home* foram injustamente exilados e suas terras devastadas, enquanto os pobres eram igualmente maltratados, e os que podiam, fugiam (33). E o reino de Artur não poderia prever um futuro mais brilhante: a lança que sangra, que acompanhava o Graal, um dia causaria a destruição de todo o reino de Logres (34).

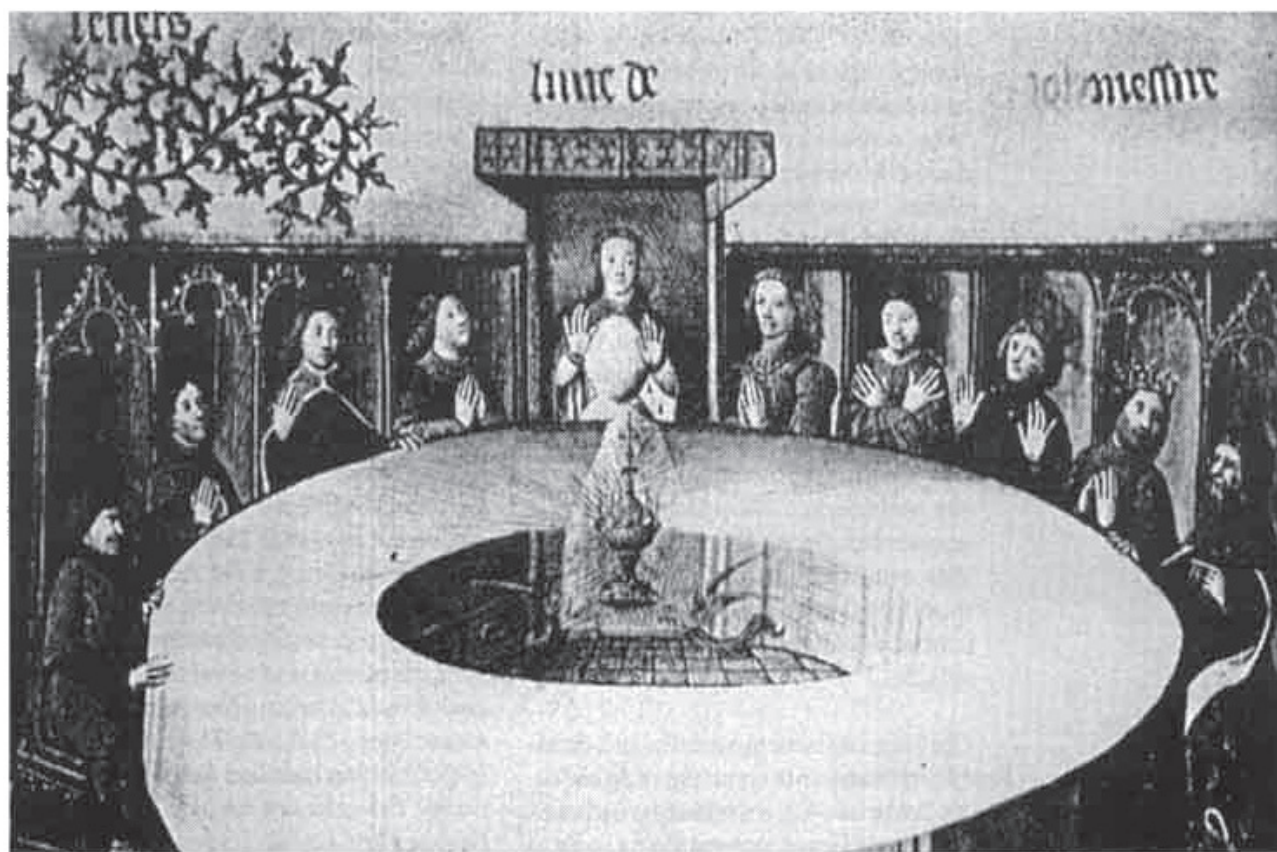
A fim de transmitir sua mensagem, bastou a Chrétien aludir a ela em seu prólogo e então concentrar-se no desenvolvimento da personagem de Perceval que ele contrasta com a do sobrinho de Artur, Galvão, que serve aqui, como em outros romances de Chrétien, de realce para o herói principal. O passado e o futuro poderiam ser subentendidos por referências inseridas em pontos apropriados da narrativa principal. Robert de Boron, que não estava menos imerso na teologia mística de São Bernardo do que Chrétien, é muito mais explícito no que concerne ao propósito edificante do seu *Livre dou Graal*: tanto na primeira como na segunda parte (as seções do *Joseph* e do *Merlin*), ele insiste em que aqueles que lerem o “livro” atentamente “serão por isso os melhores e sem pecado”:

“Meistres Robert dist, de Bouron,  
Se il voloit dire par non  
Tout ce qu'en cest livre afferroit,  
Presqu'a cent doubles doubleroit.  
Meis qui cest peu pourra avoir,  
Certainnement pourra savoir,  
Que, s'il y vieut de cuer entendre,  
Assez de bien y porra prendre”  
(*Joseph*, ed. Nitze, versos 3155-62).

[“Mestre Robert dito de Boron,  
Se ele quiser chamar-se pelo nome  
Tudo o que neste livro traz,  
Quase a cem dísticos duplicaria.  
Mas quem esse pouco puder ter,  
Certamente poderá saber  
Que, se de coração deseja entender,  
Muitos benefícios poderá dele receber”.]  
“*Et maintes genz qui ce livre orront en  
seront meilleur et se garderont plus de  
pechier*” (*Merlin*, ed. Micha, par. 16, linhas 39-40). [“E muitas pessoas que tiverem esse livro serão melhores por ele e se guardarão mais do pecado”].  
“*Li Livres dou Graal... sera molt  
volentiers oïz, qu'il avra poi chose faite et  
dite en nul leu qui bonne ne soit ne  
profitable dont il n'i ait aucune partie*”  
(*Merlin*, ed. Micha, par. 23, linhas 63-6).  
[“O *Livre do Graal*... será ouvido de  
muito bom grado, e pouca coisa feita e  
dita em algum lugar haverá que não seja  
boa e proveitosa, que não tenha alguma  
parte dele”].

Em contraste com Chrétien, que era afinal um romancista, a abordagem de Robert, quanto a sua tarefa, era muito mais a de um “historiador” sério. Humor e ironia tais como encontramos em Chrétien só raramente podem ser vistos em sua obra. Robert não declara a sua doutrina de modo ambíguo, seja em forma de revelações feitas pelo próprio Cristo, como no *Joseph*, seja em forma de conselho oferecido por Brás ou Merlim, como no *Merlin*. E tanto a natureza de sua doutrina como a forma de seu *Livre* são largamente influenciadas pelo fato de que, para ele, assim como para os “cronistas” monásticos dos séculos XI e XII (35),

“...*toute histoire particulière s'inscrit dans  
l'histoire globale du peuple de Dieu, qui  
est loin d'être achevée. L'homme spirituel  
doit scruter avec attention les événements  
pour y percevoir les signes d'une  
croissance de l'église et de l'approche de  
la Parousie*” (36). [“...toda história particular se inscreve na história global do povo de Deus, que está longe de ser terminada. O homem espiritual deve examinar com atenção os acontecimentos para perceber neles os sinais de um crescimento da igreja e da aproximação da Parusia”].



Poessa razão, Robert não poderia, como Chrétien, relatar a estória do Graal como um incidente isolado. Era essencial integrá-la tanto ao esquema mais amplo da queda e da redenção do homem, como à história do reino de Artur. Por isso, de um lado, ele retrocede com a narrativa e começa a primeira parte de seu *Livre du Graal*, intitulado *Joseph*, conforme o nome do primeiro guardião do Graal, com um relato dos eventos que conduzem à crucificação mediadora da redenção do homem caído (37), e, de outro lado, ele projeta para a frente, em algum período distante do reino de Artur, o eventual retorno de Cristo para a terra, simbolizado pela vinda do terceiro e último guardião do Graal que ocupará o assento vago (que significa o assento de Judas), primeiro na mesa do Graal e então na tábua redonda (38). Pode, à primeira vista, parecer surpreendente que o que é geralmente chamado de a segunda vinda de Cristo seja representado por Robert como a vinda do terceiro guardião do Graal. Mas Robert tanto está simbolizando a Trindade (39) como traduzindo a perspectiva de São Bernardo do retorno final de Cristo. Este último, em seus

sermões *De Adventu Domini*, fala da vinda tríplice de Cristo, com uma vinda secreta entre a primeira e a última, dentro das almas dos eleitos: “*Nous connaissons en effet trois avènements du Christ; il est venu pour les hommes, dans les hommes et contre les hommes*” (40). [“Nós conhecemos com efeito três vindas do Cristo; ele veio para o homem, no homem e contra o homem”.]

“*Dans le premier avènement, Jésus Christ se montra sur la terre et conversa avec les hommes, alors que 'ceux-ci le virent et ne laissèrent point de le haïr' (Joan. XV, 24). Celui du milieu est secret, c'est celui dans lequel les élus seuls voient le Sauveur au dedans d'eux et leurs âmes sont sauvées. Ainsi dans le premier avènement, Jésus-Christ vient dans notre chair et dans notre faiblesse; dans celui qui tient le milieu, il vient en esprit et en vérité, et dans le dernier il apparaît dans sa gloire et dans sa majesté... Dans le premier, Jésus est notre rédemption; dans le dernier, il sera notre vie, et dans celui du milieu, pour que nous puissions dormir entre les deux héritages, se trouvent notre repos et notre*

A BUSCA DO SANTO GRAAL, SÉC. XIV, PARIS, BIBLIOTECA NACIONAL.

*consolation*" (41). ["Na primeira vinda, Jesus Cristo se mostrou sobre a terra e conversou com os homens, ao passo que 'estes o viram e não deixaram absolutamente de odiá-lo' (*Jo.*, XV, 24). Mas na última, 'todo homem verá o Salvador enviado de Deus' (*Lc.* III, 6). A intermediária é secreta, é aquela na qual somente os eleitos vêem o Salvador dentro deles e suas almas são salvas. Assim, na primeira vinda, Jesus Cristo vem em nossa carne e em nossa fraqueza; na intermediária, ele vem em espírito e em verdade, e na última aparece em sua glória e em sua majestade... Na primeira, Jesus é nossa redenção; na última, ele será nossa vida, e na intermediária, para que possamos dormir entre as duas heranças, encontram-se nosso repouso e nossa consolação...".]

Chrétien obviamente referiu-se à crucificação, mas somente como parte da instrução de Perceval (42), e a relacionou só indiretamente ao Graal, porquanto para ele o Graal era uma travessa na qual era levada para o pai do *Rei Paraltico* uma hóstia sagrada ("*une sole oiste*") (43). Robert relaciona o Graal muito mais intimamente com a crucificação e com os guardiões do Graal. Para ele, o Graal era o vaso da última ceia que continha o sangue de Cristo e em virtude disso mediava a graça de Deus para os que eram merecedores dela (44), separando desse modo os *boens* ["bons"] dos pecadores (45). Adaptando matéria derivada de lendas piedosas, que incluíam a *Gesta Pilati* e a *Vindicta Salvatoris* (46), Robert relata, na seção do *Joseph*, como, após a crucificação, um judeu, que encontrou na casa de Simão "*un veissel mout gent / Ou Criz feisoit son sacrement*" (47) ["um vaso muito nobre / No qual Cristo fazia seu sacramento"], levou-o a Pilatos. Posteriormente, este último deu o vaso a José de Arimatéia que o usou para recolher nele as últimas gotas do sangue de Cristo, quando as chagas se reabriram enquanto ele lavava o corpo (48): "*Or fu li sans touz recelüz / Et ou veissel touz requueilluz*" (49) ["Então foi o sangue todo recebido / E todo recolhido no vaso"]. José escondeu o santo vaso cuidadosamente, mas quando, após a ressurreição de Cristo, José foi lançado na prisão, Cristo apareceu diante dele trazendo o precioso vaso que contin-

ha o sangue sagrado, e contou-lhe que somente três homens, incluindo ele mesmo, teriam o vaso alguma vez a seu cuidado (50), o segundo seria Bron, o *Rico Pescador*, marido da irmã de José, Enigeus, e o terceiro, o neto de Bron - o filho ainda não nascido de Bron e Enigeus, Elaim (51).

Mas isso não é tudo. Pelo próprio fato de relacionar tão estreitamente o Graal à crucificação, e simbolizando a tríplice vinda de Cristo por meio dos três guardiões do Graal, Robert teve que "corrigir" não só o conceito de Graal de Chrétien, mas também o da família do Graal. Para Chrétien, não só Perceval, o último "herói do Graal", era pecador (52), mas também o presente guardião do Graal, o *Rei Pescador*: estabelecendo um contraste entre o velho pai deste último, cuja vida fora sustentada nos doze anos anteriores exclusivamente pela única *oiste* levada a ele no *graal* (53), e o rico alimento com o qual o *Rei Pescador* se satisfazia (54), Chrétien insinuou que a enfermidade do *Rei Pescador* era mais do que apenas física; sua ferida era de auto-ignorância semelhante à de Perceval. Então, para Chrétien, a linhagem da qual descendia Perceval era de cavaleiros nobres tanto do lado paterno quanto materno (55). Mas Robert, que dá ênfase ao fato de que a sua versão, e somente a sua, é a "verdadeira" estória do Graal (56), sugere que não só o *Rei Pescador* e Perceval - como os descreve Chrétien - são pecadores, mas também a linhagem deste: o próprio Cristo em uma de suas conversas com José assegura-lhe que "todos aqueles que fizerem boas obras nessa vida terão alegria e graça. *A sua herança será salvaguardada*; eles serão protegidos em todas as cortes e não podem ser julgados erradamente, *nem podem ser feridos*".

*"Et pleissance et grace averunt  
Cil qui au siecle bien ferunt,  
Leurs heritages garderai,  
En toutes courz leur aiderei,  
Ne pourrunt estre forjugié  
Ne de leur membres meheignié"*  
(*Joseph*, versos 3047-52) (57).

[ "Graça e prazer terão  
Aqueles que no mundo fizerem o bem,  
Guardarei sua herança,  
Em todos os tribunais os ajudarei,  
Não poderão ser prejudgados  
E nem feridos os seus membros". ]

Introduzindo esse comentário deliberadamente, Robert insinua que não só o *Rei Pescador* de Chrétien é pecador por ter sido ferido, mas também o mais recente antepassado de Perceval. Pois este também, não só foi “*parmi la jambe navrez/ Si que il mehaigna del cors*” (58) [“ferido no meio da perna/e doente no corpo”], mas perdeu toda a sua herança (59). Ao mesmo tempo, no entanto, Robert deixa evidente que tal apresentação da família do Graal não corresponde aos verdadeiros fatos da “maior história do Graal” (*Dou Graal la plus grant Estoire*) (60). Longe de ser manchada pelo pecado, Robert indica que a família do Graal foi na verdade escolhida para a sua tarefa pelo próprio Senhor por causa de suas vidas virtuosas. Quando José, tendo o Graal confiado a seu cuidado por Cristo, pergunta modestamente se é digno dessa tarefa (61), o próprio Cristo lhe assegura, lembrando-o do grande amor entre eles e de como ele, José, livre de toda a vanglória, fez todas as suas boas obras em segredo (62). Enfatizando o amor de José por Cristo e o fato de que “*ne veinne gloire eü n'en has*” [“não teve nem tem vanglória”], Robert está contrastando deliberadamente José com o Perceval de Chrétien que, em sua ignorância de Deus, estava cheio de *vaine gloire* (63). Do mesmo modo, quando Cristo designa Bron, o *Rico Pescador*, como o homem que no momento certo assumirá a custódia de José pelo Graal, Cristo explica que isso é porque “*Brons mout preudons ha esté*” (64) [“Bron foi muito prudente”]. Além disso ele enfatiza que o seu *Rico Pescador* não será ferido: ele esperará a vinda do terceiro guardião do Graal (“*le fil sen fil*”) [“o filho de seu filho”] em segurança e sem perigo (“*seürement et sanz peril*”) (65). E se, como o *Rei Paralítico* de Chrétien, Bron tem o título de *Rico Pescador*, isso não é porque a pescaria é o único esporte a que ele pode se permitir, como para o “Pescador” mundano de Chrétien (66), mas ele traz esse título porque ele era cheio de tal graça que fora digno de pegar o peixe (que simboliza o corpo de Cristo) que era colocado ao lado do Graal toda vez que cumpriam o *service du Graal* (67). Quanto a Elaim, que será o pai do terceiro guardião do Graal, Robert traça um retrato dele que é o reverso do do pai de Perceval: ele é descrito como

“*de la grace de Dieu pleins* (68), *sages*

*Simples et bien endoctrinez,  
Et retenanz et bien temprez”*  
(*Joseph*, versos 3008-10).  
[“cheio da graça de Deus, prudente  
Simples e bem doutrinado,  
E continente e bem moderado.”]

E graças à linhagem santa da qual ele descende nenhum mal sobrevirá a ele ou a algum dos outros descendentes de José: eles serão amados, prezados, honrados e respeitados. Segundo as próprias palavras de Cristo a José:

“*Tu et ti oir et ta lignie,  
Tout ce qu'est né et qui neistra  
De ta sereur, sauf estera;  
Et cil qui dire sarunt  
Plus amé et chieri serunt,  
De toutes genz plus hennouré,  
Et de preudommes plus douté”*  
(*Joseph*, versos 3400-06).  
[“Tu, teus herdeiros e tua linhagem,  
Todos os que já nasceram e hão de nascer  
De tua irmã, serão salvos;  
E saberão dizer que eles  
Serão mais amados e queridos,  
Por todas as pessoas mais honrados,  
E pelos sábios mais temidos.”]

No esquema mais amplo da salvação, a tarefa da família do Graal, enquanto espera o tempo do retorno final de Cristo, simboliza a obra da Igreja no período intermediário:

“*Le Messie venu, son oeuvre accomplie,  
lui-même ressuscité, le temps continuant  
son cours, sur une terre inchangée.  
L'heure n'avait pas sonné, telle qu'on  
l'avait attendue, de la restauration  
universelle dont Dieu avait parlé par la  
bouche de ses saints prophètes'. Un hiatus  
s'était ouvert entre le premier et le dernier  
avènement. L'Église y déroulait son  
existence pour une durée indéterminée”*  
(69). [“Chegado o Messias, cumprida sua obra, ele mesmo ressuscitado, continuando o tempo seu curso, sobre a terra inalterada. A hora não havia soado, como era esperada, da restauração universal de que Deus havia falado pela boca dos santos profetas'. Um hiato se abriu entre a primeira e a segunda vinda. A Igre-

ja desenvolvia sua existência para uma duração indeterminada.”]

Após o compromisso de Bron com o Graal, testemunhado por Petrus que simboliza o rochedo da Igreja (70), ele, seus doze filhos e suas famílias, assim como Pedro (mas não José), deixam a Terra Santa e partem para o ocidente, cada um estabelecendo-se em lugar diferente, para pregar “o nome de Cristo”. E Elaim, primeiramente, antes de ocupar-se com a guerra como fez o pai de Perceval,

*“En touz les lius ou il venoit,  
Hommes et femmes qu’il trouvoit  
La mort anuonçoit Jhesu Crist  
Ainsi cum Joseph li aprist,  
Le non Jhesu Crist preeschoit,  
Entre touz mout grant grace avoit”*  
(Joseph, versos 3265-70) (71).  
[“Em todos os lugares onde chegava,  
A homens e mulheres que encontrava  
Anunciava a morte de Jesus Cristo,  
Assim como José lhe ensinara,  
Pregava o nome de Jesus,  
E entre todos espalhava a graça.”]

Na segunda parte de seu *Livre dou Graal*, a seção do *Merlin*, onde a chegada de Petrus, Bron e seus filhos ao ocidente é anunciada no tempo apropriado (72), Robert inicialmente volta no tempo ao período da crucificação de Cristo para lidar com a história da Grã-Bretanha, que inclui o nascimento de Merlin, até o tempo da eleição de Artur para o trono, e para preparar a eventual vinda do terceiro guardião do Graal. Uma grande porção da narrativa é baseada primeiramente na *Historia* de Geoffrey de Monmouth e no *Brut* de Wace, mas Robert remodela e elabora as suas fontes consideravelmente a fim de adaptar sua versão ao esquema total de seu *Livre*. Por um lado, em contraste com Chrétien, ele está ansioso para transmitir uma visão idealista e otimista do período arturiano e, por outro lado, ele procura ligar os eventos mais significativos da história “britânica” com o ensino religioso do *Joseph* e com o tema principal deste, que é a redenção. Dentro do conceito desse plano, Robert poderia, e de fato achou-o necessário, dispensar a história primitiva da Grã-Bretanha de Geoffrey e Wace, antes da “Casa de Constância” (73). Toda essa pri-

meira seção teve de ser substituída por um “evento” da história da salvação quase comparável à própria paixão de Cristo, e tornado de fato possível somente por causa da eficácia da redenção: a concepção e o papel subsequente de Merlin que influenciariam e guiariam eventos futuros a fim de preparar o reino de Artur para o seu lugar predestinado na “história”: a terra que, do mesmo modo que a Palestina testemunhou a primeira vinda de Cristo, testemunharia a vinda “daquele” que simbolizava o retorno final de Cristo.

Embora tanto para Geoffrey, como para Wace, o nascimento de Merlin tenha sido sobrenatural (ele foi, para eles, concebido, em suas palavras, por “*une manere d’esperit*” [“um tipo de espírito”] chamado “*incubi demones*” (74) [“demônios íncubos”] na filha do rei de Demétia que mais tarde se tornou monja), nem Geoffrey, nem Wace atribuem qualquer significado religioso tanto à concepção de Merlin, quanto à função de Merlin na criação da “história” da Grã-Bretanha. Robert remodela o tema de Merlin de tal modo que ilustra de maneira concreta a eficácia e renovação constante da redenção. Consternados não só com Cristo ter libertado em sua descida ao inferno as almas de Adão e Eva “*et des autres tant com il plot*” (75) [“e dos outros como lhe aprouve”], mas também porque dali por diante todos os pecadores poderiam ser redimidos pelos sacramentos do batismo, confissão e arrependimento (76), os diabos planejaram como eles próprios poderiam conceber um ser que desfaria a obra de Cristo. Após levar um homem rico e sua mulher à fúria e ao desespero mortal por perderem toda a sua riqueza (77), um pecado contra o qual no *Joseph* Cristo alertou (78), e após corromper suas duas filhas mais novas (79), os demônios por fim quase têm êxito em sua conspiração: quando a filha mais velha entregou-se ao desespero pelo comportamento imoral de sua irmã, e ela estava “*seule et correciee et a orbetés qu’ele ne vit goue*” (80) [“só e enfurecida e fora de si que não viu nada”], um dos demônios que tinha o poder de tomar forma humana (“*qui ot pooir de converser et de gesir a femme*”) (81) [“que tem o poder de seduzir e de dormir com mulher”] visitou-a de noite e, enquanto ela estava dormindo, gerou nela Merlin (82). Mas os demônios por meio de suas próprias



maquinações tornaram-se, à própria revelia, nas palavras de São Bernardo, instrumentos de Deus:

“No entanto, se espíritos maus descem para enganar-nos, temos toda a razão de ser gratos a Deus por cujo comando os anjos bons também descem para ajudar-nos, para guardar-nos em todos os nossos caminhos... (83). E desde a usurpação deles mesmos pelo demônio, foi ganha a oportunidade de fazer esse instrumento totalmente mau e relutante servir aos filhos. *O que poderia ser mais vexatório para ele ou mais adequado para nós que mesmo o seu mal trabalhasse para o nosso bem?*” (84)

Graças à renovação da redenção pelos sacramentos do batismo, confissão e penitência, o pecado da mãe de Merlin, cometido além do mais sem o seu consentimento, não prejudicaria Merlin ou a humanidade. Pois Deus, permitindo aos demônios produzir um homem que teria o seu poder de conhecer o passado, asseguraria que o *mal do demônio seria usado para o nosso bem*. Dotando Merlin com o poder de conhecer também o futuro, este teria o livre arbítrio para escolher se pagava aos demônios o seu tributo ou se servia a Deus:

*“Et por ce ne vost pas Diex que deables i perdist chose qui li deust avenir, ainz volt bien qu’il i eust ce qu’il desiroit et ce por quoi il le fist. Il le fist por se qu’il eust ce lor art de savoir les choses qui estoient et faites et dites et alees, et tot ce sot il. Et Nostre Sire qui tot conoist et set, por la repantance de la mere et por la reconnoissance et le lavement de confession et por la bonne repantance que il sot qui en son cuer estoit et que par son gréne par sa bone volenté ne li estoit avenu ce qui avenu li estoit, et por la force de baptesme dont ele ot esté lavée au fonz, vot Nostre Sire que le pechié de sa mere ne li poist nuire: si li dona pooir et sens de savoir les choses qui estoient a avenir. Par cestes raisons sot cist les choses faites, dites et alees, ca il les a et tient de l’ennemi; et le surplus qu’il set des choses qu’il savoit por endroit de la soue partie: si se tenra a laquele que il veura, car se il volt, il puet randre as deables lor droit et a Nostre*

*Seignor le suen” (Merlin, par. 10, linhas 13-33) (85). [“E porque Deus não quis que o diabo perdesse o conhecimento do que devia acontecer e quis que ele tivesse o que desejava, por isso o criou. Ele o criou para que tivesse a arte de saber as coisas que existiam, as coisas ditas e feitas e acontecidas, e tudo isso ele soube. E Nosso Senhor que tudo sabe e conhece, pelo arrependimento da mãe, pela confissão e pelo bom propósito que tinha em seu coração, pela boa vontade que a conduzira até o ponto em que estava e pela força do batismo, pelo qual o filho havia sido levado até a fonte batismal, quis Nosso Senhor que o pecado de sua mãe não o pudesse prejudicar. Deu-lhe então o poder e a inteligência de saber as coisas que deviam acontecer. Por essas razões teve o menino o conhecimento das coisas feitas, ditas e acontecidas, porque ele o teve do inimigo. E além de saber as coisas que estão por acontecer, quis Nosso Senhor que soubesse, em relação às outras coisas, o que sabia de sua parte. Volte-se para a parte que quiser, ele terá do diabo seu direito e de Nosso Senhor, o seu.”]*

Merlim, cheio de graça divina concedida a ele pelo sacramento de seu próprio batismo (86) que o purificara de todo pecado, não tinha só livre arbítrio, mas também o poder de escolher “passar para o lado de



O REI ARTHUR E A RAINHA QUEN'EVRE DEIXAM O BANQUETE, SEC. XIV, TURIM, BIBLIOTECA NACIONAL.

Deus” e cumprir sua missão eleita divinamente:

*“Nostre Sire par droit et par raison m’a doné tant de sen et de memoire que cil qui me cuida avoir a son hues fait m’a perdu, et Diex m’a esleu a un suen servise faire que nus ne porroit faire se je non”* (Merlin, par. 23, linhas 5-9). [“Nosso Senhor, por direito e razão, deu-me tanto conhecimento e tal memória, que aquele que imaginava ter-me criado para si perdeu-me, enquanto Deus escolheu-me para realizar um trabalho seu, que não poderia ser feito senão por mim.”] *“...il me convient a rendre Jhesu Christ le servise dont il m’a doné pooir”* (Merlin, par. 23, linhas 79-80). [“...me convém prestar a Jesus Cristo o serviço para o qual me deu poderes.”]

Pelo que criados, então, em certa extensão, como independentes na liberdade de escolha, *tornamo-nos de Deus por assim dizer pela boa escolha...* O livre arbítrio nos faz independentes; *má escolha, do demônio; e boa escolha, de Deus.* ... Portanto, na medida em que pertencemos ao demônio pela má escolha, não somos, em certo sentido, mais de Deus; *tal como quando pela boa escolha passamos para o lado de Deus, cessamos de pertencer ao demônio.* “Ninguém, na verdade, pode servir a dois senhores” (Mat. 6, 24)... *é a nossa própria escolha que nos escraviza ao demônio, não o seu poder; em contraste, a graça de Deus nos sujeita a Ele, não a nossa própria escolha* (87).

O “serviço” para o qual Merlim foi “eleito” corre paralelo ao da família do Graal: tornar possível a Parusia que se aproxima. Assim como através de suas pregações os membros da comunidade do Graal aconselhariam os homens a serem obedientes à lei de Deus, assim também Merlim, através de sua orientação espiritual aos reis da Grã-Bretanha e a todos os outros *prodomes* e *prodesfemes* da terra, prepararia o reino para a vinda “daquele que descenderia da linhagem tão amada por Deus”, ou seja, a linhagem de José:

*“Et je voil que tu saiches ... que diex m’a done tel sen et tel memoire que je ferai tout le reign ou je vois travailler les prodomes et les prodesfemes encontre un qui doit*

*estre de cel lingnaige que Diex tant aime”.* (Merlin, par. 23, linhas 35-9). [“E quero que saibas ... que Deus me deu conhecimento e memória tais que farei, em todo o reino para onde vou, com que os homens bons e as boas mulheres trabalhem para a vinda daquele que deve nascer desta linhagem que Deus tanto ama.”]

Não é coincidência que o período divinamente previsto para a vinda do “escolhido” tenha sido o reinado de Artur (88). Ao contrário de Chrétien, que ridicularizou discretamente Artur, Robert, como Geoffrey, idealizou Artur. Mas Robert vai mais longe que Geoffrey. Enquanto para este, o reinado de Artur era “o pináculo da grandeza humana” (89), ao mesmo tempo servia como um “poderoso exemplo da *Fortuna* impelindo a grandeza para a repentina destruição” (90). Para Robert, por outro lado, que procurava constantemente manter em primeiro plano o propósito edificante de seu *Livre*, o período arturiano foi muito mais que uma ilustração da “natureza cíclica da história” (91), da ascensão e queda de um grande rei. Era um exemplo da preparação espiritual de um povo para o ponto alto da “História”, que não era a conquista militar de Roma, mas a vinda da Parusia. Dentro de tal contexto, o papel de Artur e de seu pai, Uter, teve de ser intensificado no nível moral. Isso poderia ter apresentado a Robert uma dificuldade: ele herdou de Geoffrey e Wace o tema das circunstâncias imorais da concepção de Artur na qual o próprio Merlim colaborou, ajudando Uter a realizar o seu desejo de consumir o seu amor por Igerne, a mulher do Duque de Cornualha (92). Para evitar o amor pecaminoso de Uter apresentando ao leitor um “exemplo” indesejável ou lançando uma sombra sobre Artur, Robert se refere a ele claramente como pecado, mas apresenta Merlim tomando a responsabilidade para si próprio (93). Ao mesmo tempo, Robert torna claro que Merlim, tendo ajudado Uter a realizar os seus desejos, estava por esse mesmo fato ajudando a realizar um plano preordenado divinamente (94). Isso é enfatizado por colocar-se de modo significativo o estabelecimento da tábua redonda, *antes* da concepção de Artur (95) e por Merlim enfatizar que, ao se estabelecer essa mesa, Uter estaria atuando de acordo com o desejo de Deus

(96). Pois estava determinado que, no reinado do sucessor de Uter, aquele que ocupasse o assento vago na Mesa do Graal ocuparia também o assento vago na tábua redonda (97). E o próprio Uter encontra aí o perdão para todos os seus pecados no fim de sua vida; atendendo o conselho de Merlim, despoja-se de todas as riquezas terrenas, tendo desse modo “um bom fim” e merecendo “*la joie en l'autre siecle*” (98) [“a alegria no outro mundo”]:

“*Et je voil bien que tu saiches que toutes les oeuvres que li hom meïmes en son tens a faites ne li pueent tant valoir comme bonne fin: quar se tu avoies touz les biens dou monde faiz et tu eusses en toi mauveses fin, si seroies tu en aventure de tout perdre; et se tu avoies molt de maus faiz et tu fesoies bonne fin, si avroies tu pardon*” (Merlin, cap. 78, linhas 42-9) (99). [“E quero muito que saibas que tudo que um homem tenha feito de bem em sua vida toda não vale mais do que uma boa morte, porque, se tivesses feito todo o bem do mundo e viesses a ter um mau fim, correrias o risco de pôr tudo a perder e, se tivesses feito muito mal, mas conseguisses uma boa morte, ganharias o perdão.”]

Quanto a Artur, sua posição é glorificada por Robert, que o apresenta não como fazem Geoffrey e Wace, como o herdeiro direto de Uter (100), mas como eleito de forma divina para o trono da Grã-Bretanha. Criado por pais adotivos e tendo sua verdadeira identidade oculta, foi pela *vertu de Jhesu Crist* (101) que ele foi eleito para o trono quando, tirando a espada da pedra, provou que era o herdeiro legítimo (102), aquele determinado que “*Nostre Sires viaut qui soit sires et garde de cest pueple*” (103) [“Nosso Senhor quer que seja senhor e guardião deste povo”].

E como para enfatizar que Chrétien se enganara afirmando que, após a morte de Uter, as pessoas pobres sofreram injustiça, Robert realça que Artur em sua eleição fez um juramento sagrado, não só de “*desfandre Sainte Eglise et la crestienté sauver an toutes manieres*” (104) [“defender a Santa Igreja e salvar a cristandade por todos os meios”], mas também de ajudar e socorrer todos os homens e mulheres pobres, (“*touz povres homes et toutes povres femmes*”) e de aconselhar

selhar todos os desconsolados (“*touz desconseilliez*”):

“*Si commenda li arcevesques a Artus, se il est tiels que il ossast jurer et creanter Dieu et ma dame sainte Marie et a touz sainz et a toutes saintes Sainte Eglise a sauver et a maintenir, et touz povres homes et toutes povres femmes pais et loiauté en terre, et conseiller touz desconseilliez, et avoier touz desvoiez, et a totes desvees a son pooir bien afaire, et a maintenir toutes droitures et toutes loiautez, et droite jostise a tenir, si alast avant et preist l'espee dont Nostre Sires a lor esciant lor avoit fait election. Et Artus plora et maint autre de pitié et dist: 'Einsi voirement comme Diex est sires de toutes les choses me doinst il force et pooir de ce maintenir que vos avez dit et que j'ai entendu, si voirement com je bon talant en ai'*” (Merlin, cap. 91, linhas 35-48). [“Então perguntou o arcebispo a Artur se ele era tal que ousava jurar e prometer, diante de Deus e da Santa Igreja, de todos os santos e de todas as santas, salvar e manter a Santa Igreja, assegurar a paz para todos os homens pobres e todas as mulheres pobres, manter-se leal à terra, aconselhar os desencaminhados, fazer o bem a todos os infelizes e garantir todos os direitos, a lealdade e a justiça, que viesse à frente e trouxesse a espada com que Nosso Senhor, como todos sabiam, o havia eleito. E Artur chorou com muita emoção e disse: ‘Assim verdadeiramente como Deus é senhor de todas as coisas, que ele me dê força e poder para manter o que dissestes, tão verdadeiramente como a boa vontade que tenho.’”]

No *Conte du Graal* de Chrétien, a chegada na corte de Artur do herói do Graal não trouxe glória a Artur, que se sentou ali meditando e tão aprofundado no pensamento que Perceval notou:

“*Cis rois ne fist chevalier onques. Comment porroit chevalier faire, Quant on n'en puet parole traire?*” (versos 928-30)

[“Este rei nunca foi cavaleiro. Como pode investir cavaleiro, Quando não se pode dele conseguir palavra?”]

Parece que, apesar da eventual conversão de Perceval, ele não seria capaz de retornar uma segunda vez ao Castelo do Graal para desfazer o mal que causou ao falhar em fazer a pergunta do Graal em sua primeira visita. Chrétien é categórico neste ponto: como consequência do insucesso de Perceval, o Rei Pescador nunca será capaz de manter sua terra em paz (*"Dont il ne tendra point jamais"*), as esposas perderão os seus maridos, as terras serão devastadas, donzelas ficarão desconsoladas, haverá muitos órfãos e muitos cavaleiros serão mortos: *"Tot cist mal esteront par toi"* (105). O relato de Robert da chegada do *tiers hom* ao Castelo do Graal e subseqüentemente à corte de Artur, se alguma vez ele o escreveu, não sobreviveu (106). Mas o que ele imaginava era o reverso do que encontramos no *Conte du Graal* de Chrétien. A vinda do filho de Elaim para a corte de Artur teria sido um triunfo. Bron, o Rico Pescador, teria entregue a ele o Graal e ele teria ocupado com êxito o assento vago primeiro na mesa do Graal e então na tábua redonda. Sabemos que nada poderia ter impedido de acontecer isso. Pois não só o próprio Senhor o prometeu a José (107), como também Merlim mais tarde confirmou a Uter, estando à morte, que no tempo de seu filho o significado da mesa que ele fundara seria finalmente completado:

*"Et je te di que tes filz Artus sera chiés de ton roiaume après toi par la vertu Jhesu Crist et sera acomplissables de la table que tu as fondee (Merlin, cap. 79, linhas 47-9) (108). ["E eu te digo que Artur assumirá o reino depois de ti, pela virtude de Jesus Cristo, e será o realizador da tábua que fundaste."]*

Como a vinda do *tiers hom* simbolizava a Parusia, o eventual retorno de Cristo seria talvez apropriado para Robert projetar o evento no futuro sem, na verdade, relatá-lo. Mas projetando-o no tempo do reinado de Artur, Robert estava desse modo glorificando o próprio Artur, já que no seu tempo existiria finalmente em seu reino aquele senso de unidade e de amor fraterno que os cavaleiros da tábua redonda experimentavam quando estavam sentados ao redor dessa *tiers mesa*: *"or nos entramons autant ou plus com filz doit amer pere ne jamais ne*

*nos departirons, semorz ne nos depart"* (109) ["agora nos amamos tanto ou mais do que um filho deve amar o pai, e nunca nos separaremos, senão com a morte"].

Escritores medievais, como bem se sabe, a fim de sublinhar a "autenticidade" de suas composições, freqüentemente alegam que a obra é baseada em um "livro" mais antigo. Desse modo, Geoffrey de Monmouth afirma que sua *Historia* é a tradução para o latim de "um certo livro muito antigo escrito na língua bretã" dado a ele por Walter, arcebispo de Oxford (110). Chrétien, por sua vez, assegura-nos que o seu *Conte du Graal* é baseado no *Livre* que o conde Philippe de Flandres lhe deu (111). Robert não é exceção. Mas ele estava ansioso não só para sublinhar a veracidade de seu livro, mas também para convencer o leitor de que a sua versão da estória do Graal-Artur-Merlim era mais autêntica que a de Chrétien e de Geoffrey-Wace. Por isso, aqui como alhures, Robert não só contradiz Chrétien deliberadamente, mas constrói uma série elaborada de "autoria". No final do *Joseph*, no ponto em que lista os quatro temas deixados em suspenso (112), ele afirma categoricamente que *ninguém* pode organizá-los (*"Ces quatre choses rassembler"*) (113) se não tiver ouvido primeiro a *Grant Estoire dou Graal* que ele alega não ter sido ouvida por nenhum homem mortal, antes que ele a relatasse a seu patrocinador, Gautier de Montbéliard:

*"... meis je bien croi  
Que nus hons nes puet rassembler  
S'u'il n'a avant ol conter  
Dou Graal la plus grant Estoire,  
Sanz doute, ki est toute voire.  
A ce tens que je la retreis  
O mon seigneur Gautier en peis,  
Qui de Mont Belyal estoit,  
Unques reite esté n'avoit  
La grant Estoire dou Graal  
Par nul homme qui fust mortal"*  
(versos 3481-94).

[ "... mas bem imagino  
Que ninguém pode juntar,  
Sem antes ter ouvido contar  
Do Graal a maior Estória,  
Sem dúvida, inteiramente verdadeira.  
Neste tempo em que a refiro  
A meu senhor Gautier em paz,  
Que era de Monte Belial,

Nunca antes havia sido contada  
A grande Estória do Graal  
Por nenhum homem mortal”].

Robert explicou anteriormente que essa estória era o *grant livre* escrito pelo *granz clers* (114), contradizendo desse modo a Chrétien e deduzindo que o Conde de Flandres possivelmente não poderia ter-lhe dado o *Livre*, já que ninguém o vira antes que ele, Robert, o relatasse.

Dentro dele, o *Merlin* próprio, um título deveria ser acrescentado, dado à obra por críticos e não por Robert; este apresenta o todo de sua composição, tanto a seção do *Joseph*, como eventos subseqüentes, como o *Livre* ditado em estágios por Merlin ao ermitão Brás (115). Embora à primeira vista isso possa parecer inconsistente em relação à referência ao livro escrito pelo *granz clers*, esse não é necessariamente o caso. A impressão que Robert deseja dar é que o *granz clers* tinha como sua fonte o livro de Brás e, como Merlin conhecia tanto o passado como o futuro e era infalível, isso daria peso à autenticidade do “Livro”. E isso tanto mais quanto o “Livro” continha matéria “que ninguém, exceto Deus e Merlin, poderia ter contado a Brás” (“*tel chose que nus hom, fors Dieu et moi, ne te porroü dire*”) (116).

Mas Robert, sem dúvida porque sua estória, no que concerne à relação de José com Cristo, difere da tradição canônica, despoja-se de toda a “responsabilidade” por sua autoridade: Merlin conta a Brás que o seu livro será sempre lido e ouvido com prazer por todos, mas não terá autoridade, porque ele não é um dos apóstolos, pois os apóstolos não escreviam sobre o Senhor, exceto o que eles próprios tinham ouvido e visto, mas Brás porá em seu livro somente o que Merlin lhe ditar:

“*Et tot jorz mais sera ta poine et ton livre retrait et volentiers oïz en toz leus. Mais il ne sera pas en auctorité, por ce que tu n'ies pas ne ne puez estre des apostoles, car il apostole ne mistrent riens en escrit de Nostre Seingnor qu'il n'eussent veu et oï et tu n'i mez rien que tu en aies veu ne oï, se ce non que je te retrai*” (117). [“E sempre será teu trabalho e teu livro guardado e ouvido com prazer em todos os lugares. Entretanto não estará revestido de autoridade, porque não és e nem po-

derás ser um dos apóstolos, porque os apóstolos nunca meteram nada por escrito de Nosso Senhor, senão o que viram e ouviram, ao passo que tu não escreves nada que não tenhas visto e ouvido, senão do que te contei.”]

Os críticos geralmente admitiram que Robert se propôs a escrever uma trilogia. Mas na realidade ele imaginou a sua estória do Graal-Artur, para cujo conjunto ele deu o título de *Li Livres dou Graal* dividido em dois livros, formando um único conjunto, a primeira parte relatando os eventos que correspondem ao conteúdo do *Joseph*, o outrolidando com tudo o que ocorreu *deviers occident*, incluindo a própria concepção de Merlin tanto quanto “*la vie ... dou roi qui avra non Artus et des genz qui a ce tens regneront*” (118) [“a vida ... do rei que terá nome Artur e dos que naquele tempo hão de reinar”]:

“*Et quant li dui livre seront assemblé, s'en i avra .i. biau, et li dui seront une meisme chose ... (119) Si avra non toz jorz mais, tant com li mondes durera, tes livres Li Livres dou Graal...*” (120) [“E quando os dois livros forem reunidos, não haverá senão um belo livro, e serão os dois uma só e mesma coisa ... Assim terão nome para sempre teus livros, enquanto o mundo durar, *O Livro do Graal...*”]

Robert, cuja intenção era produzir uma obra de edificação, um tipo de pseudo-evangelho, evidentemente modelou a sua estrutura segundo a das Escrituras. De acordo com os Santos Padres “*les deux Testaments sunt unum*” (121) [“os dois testamentos são um”], o Antigo Testamento prefigurando o Novo. O *Joseph* obviamente não corresponde ao Antigo Testamento, mas ao Novo, enquanto o “segundo” livro de Robert corresponde a um período que verá o retorno do Messias, representado pelo *tiers hom*. O autor anônimo do *Didot Perceval* que “completou” a obra de Robert não modificou de nenhum modo a sua perspectiva bíblica: ele manteve as referências aos *deux livres* e apresentou a sua composição não como um romance autônomo, mas como a seqüência da narrativa precedente, sugerindo que ele também viu o conjunto como um único *livre* dividido em duas partes (122).

1 Referências a obras críticas são seguidas pelo número dado a eles *infra*, nota 3.

Robert de Boron nomeia-se a si próprio duas vezes em seu *Joseph*, uma usando o título de *Meistres* (3155) - *Meistres Robert dist de Bouron* - e outra o de *Messires* (3461) - *Messires Robert de Boron*. O primeiro título sugeriria que ele fosse talvez um clérigo, enquanto o segundo título (*messires*), que se encontra em ambas as passagens na versão em prosa do *Joseph*, sugeriria que ele possa ter sido um cavaleiro (cf. Le Gentil [23], p. 252; Gallais [12], p. 317, Nitze [38], p. 280). O que é certo é que ele deve ter tido uma educação de clérigo.

Boron é uma povoação na Borgonha oriental não distante de Montbéliard onde Robert afirma ter escrito sua estória do Graal na corte de Gautier de Montbéliard: "A ce tens que je la retraits/ O mon seigneur Gautier en pais./ Qui de Mont Belyal estoit/ Unques retraite esté n'avoit/ La grant Estoire dou Graal" (versos 3489-95) ["Neste tempo em que a refiro/ A meu senhor Gautier em paz./ Que era de Monte Bellial/ Nunca havia sido contada/ A grande Estória do Graal"].

Com relação à data da obra de Robert, não pode haver dúvida de que, contrariamente à opinião de Becker ("Von den Erzählern..." [4]), Robert escreveu o seu *Joseph-Merlin* após o *Conte du Graal* de Chrétien de Troyes (c. 1180). Se, como é provável, o *vauz d'Avoron* mencionado nos versos 3123, 3221 do *Joseph* se referem a Glastonbury, o ano de 1191 seria o *terminus a quo* da obra de Robert. Pois foi em 1190 ou 1191 que, segundo Giraldus Cambrensis (*De Principiis Instructione* [c. 1193-1199] e *Speculum Ecclesiae* [c. 1215]), o suposto túmulo de Artur e Genevra foi localizado em Glastonbury e Glastonbury foi equiparado a Avalon (cf. W. Nitze, "The Exhumation of King Arthur at Glastonbury", *Speculum* 9, 1934, pp. 355-61; Richard Barber, *The Figure of Arthur*, D. S. Brewer, 1972, pp. 126-9, E. K. Chambers, *Arthur of Britain*, Sidgwick & Jackson, Londres, 1927, reimpr. 1968, pp. 112-22). Com relação ao *terminus ad quem*, isso depende muito da interpretação da declaração de Robert na passagem citada acima que ele escreveu a sua *Estoire dou Graal* "O mon seigneur Gautier en pais". Gautier de Montbéliard era uma personagem histórica que foi à Palestina na quarta Cruzada em 1202, tornou-se Condestável de Jerusalém, e então Regente de Chipre (1205-1210) e morreu na Terra Santa em 1212. J. D. Bruce ([5], l. p. 221) e Nitze ([38], p. 280), argumentando que "en pais" ("em paz") se refere ao período anterior a Gautier ter ido à Cruzada, sugere 1202 como o maior limite para a composição de Robert. Por outro lado, P. Gallais ([13], p. 315-317), acreditando que "en pais" se refere ao período em que Gautier era regente de Chipre, julga que Robert na verdade escreveu a sua obra na corte de Gautier em Chipre, opinião aceita por L. Struss ([49], p. 374). Mas a afirmação de Robert de que ele relatou sua estória do Graal na presença de Gautier não precisa necessariamente ser tomada literalmente. Robert sem dúvida está simplesmente lisonjeando o seu patrocinador e tudo o que se pode dizer de certo é que ele deve ter escrito a *Estoire du Graal* e mais provavelmente o *Merlin* antes da morte de Gautier (1212), visto que não haveria propósito em lisonjejar um patrocinador após a sua morte.

2 A primeira edição completa das obras de Chrétien foi publicada por Wendelin Förster: Christian von Troyes, *Sämtliche erhaltene Werke nach allen bekannten Handschriften*, Niemeyer Halle (1884-1932); I *Cligès* (1884), II *Yvain* (1887), III *Erec* (1890), IV *Karrenritter (Lancelot) und Wilhelmsleben* (1899), V *Der Percevalroman (U Contes del Graal)*, ed. A. Hilka (1932). Mais recentemente os romances de Chrétien apareceram na série CMFA. *Les romans de Chrétien de Troyes édités d'après la copie de Guiot* (Bibl. Nat. fr. 794): I, *Erec et Enide*, M. Roques (1955), II, *Cligès*, A. Micha (1957), III, *Le Chevalier de la Charrette*, M. Roques (1958), IV, *Le Chevalier au Lion (Yvain)*, M. Roques (1960), V, *Le Conte du Graal*, F. Lecoy (vol. I, 1975, vol. II, 1981). O *Perceval* também foi publicado na série TLF por W. Roach: *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal, publié d'après le ms. fr. 12576 de la Bibl. Nat.* (Droz, Genebra, 1956, 1959).

3 O *Joseph* de R. de Boron e o fragmento de seu *Merlin* em verso foram editados por Francisque Michel (*Le Roman du Saint Graal*, Bordeaux, 1841), por Frederick Furnivall (*Seynt Graal or the Sank Ryal*, Londres, Roxburgh Club, 1861, vol. I, Apêndice, pp. 1-46), por W. A. Nitze (*Le Roman de l'Estoire dou Graal*, Paris, CMFA, 1927; reimpresso em 1983), e por Monica Schöler-Belinhauer (*Le Roman du Saint Graal*, Klassische Texte des Romanischen Mittelalters in zweisprachigen Ausgaben, vol. 18, Munique, Wilhelm Fink Verlag, 1981); Sandkühler (tradução alemã do *Joseph* de Robert): *Die Geschichte des Heiligen Gral*, Stuttgart, Verlag Freies Geistesleben, 1964.

Sobre a obra de Robert (*Joseph e Merlin*), ver: 1) Helen Adolf, "Robert de Boron's *Joseph* and the *Privilegium Fori*", *Philological Quarterly*, 26 (1947), pp. 259-67; 2) Helen Adolf, *Visio Pacis. Holy City and the Grail*, The Pennsylvania State University Press (1960), pp. 74-7; 3) E. Baumgartner, "Masques de l'écrivain et masques de l'écriture dans les proses du Graal", in *Masques et déguisements dans la littérature médiévale. Études médiévales*, ed. Olier, Marie-Louise, Montréal: Presses de l'Université de Montréal, Paris: Vrin (1988), pp. 167-75; 4) Ph. August Becker, "Von den Erzählern neben und nach Chrétien de Troyes", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 55 (1935), pp. 260-9; 5) J. D. Bruce, *The Evolution of Arthurian Romance*, Göttingen 1923 (reimpresso por Peter Smith, Gloucester Mass. 1958), I, pp. 129-51; II, pp. 1-7, 104-35; 6) Konrad Burdach, *Der Gral*, Kohlhammer, Stuttgart, 1938 (reimpr. por Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1974), pp. 450-502; 7) William Burgwinkle, "L'écriture totalisante de Robert de Boron", in *Constructions, a Journal published by Graduate Students in French*, Stanford University, Dept. de francês e italiano, 1986, pp. 87-101; 8) Allen Cabaniss, "Joseph of Arimathea and a Chalice", *University of Mississippi Studies in English*, 4 (1963), pp. 61-7; 9) Dominique Chassé, "La Mise en mémoire des informations narratives: le système du vers et le système de la prose", in *Jeux de mémoire: aspects de la mnémotechnie médiévale*, eds. Bruno Roy e Paul Zumthor, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal (1985), pp. 57-64; 10) L. Dulac, "L'épreuve du siège vide: esquisse d'une lecture croisée du *Joseph* et du *Merlin* de Robert de Boron", in *Rewards and Punishments in the Arthurian Romances and Lyric Poetry of Medieval France*, ensaios apresentados a Kenneth Varty, Cambridge, D. S. Brewer, 1987 (Arthurian Studies, XVII), pp. 31-43; 11) J. Frappier, "Le Graal et la Chevalerie", *Romania* 75 (1954), pp. 180-194 (reimpr. in Frappier, *Autour du Graal*, Genebra, Droz, 1977, pp. 101-14); 12) J. Frappier, "Du 'Graal trestot discover' à la forme du Graal chez Chrétien de Troyes", *Romania* 73 (1952), pp. 82-92 (reimpr. in Frappier, *Autour du Graal*, Genebra, 1977, pp. 63-71); 13) Pierre Gallais, "Robert de Boron en Orient", in *Mélanges de Langue et de Littérature du Moyen Âge et de la Renaissance offerts à Jean Frappier*, Genebra, Droz (1970), pp. 315-9; 14) Mary E. Giffin, "A reading of Robert de Boron", *Publications of the Modern Language Association of America*, 80 (1965), pp. 499-507; 15) Robert W. Hanning, "Arthurian Evangelists: The language of Truth in Thirteenth-Century French Prose Romances", *Philological Quarterly*, 64 (1985), pp. 347-65; 16) E. Hoepffner, "L'Estoire dou Graal de Robert de Boron", in *Lumière du Graal. Études et Textes présentés sous la direction de René Nelli* (Les Cahiers du Sud), Paris, 1951, pp. 139-50; 17) E. Hoepffner, "Robert de Boron et Chrétien de Troyes", in *Les Romans du Graal...* (Colloques Internationaux du C.N.R.S.), Paris, 1956, pp. 93-106; 18) Jean-Charles Huchet, "Le Nom et l'Image: De Chrétien de Troyes à Robert de Boron", in *The Legacy of Chrétien de Troyes*, ed. Norris J. Lacy, Douglas Kelly e Keith Busby, Amsterdã, 1987-1988, II, pp. 1-16; 19) Manuel Insolera, "Robert de Boron, lo pseudo-Germano e Onorio Augustodonense: il Graal, e il mistero della transubstanziazione", *Romania* 108 (1987), pp. 268-87; 20) Henry e Renée Kahane, "The Secrets of the Grail, A propos of Francesco Zambon's *Robert de Boron*", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 103 (1987), pp. 108-14; 21) Henry e Renée Kahane, "Robert de Boron's *Joseph of Arimathea*", *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinistik*, 38 (1988), pp. 327-38; 22) V. M. Lagorio, "Joseph of Arimathea: The Vita of a Grail Saint", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 91 (1975), pp. 54-68; 23) P. Le Gentil, "The work of Robert de Boron and the *Didot-Perceval*", in *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. R. S. Loomis, Oxford, Clarendon Press, 1959 (reimpr. 1961, 1967, 1974, 1979), pp. 251-62; 24) Le Merrier, "Figure de Joseph d'Armathea: sa chasteté, sa proximité de Dieu. Images et Signes de l'Orient dans l'Occident médiéval (Littérature et civilisation)", *Senéfiance*, 11 (1982), pp. 229-52; 25) F. Lot, *Études sur le Lancelot en prose*, Bibl. de l'École des Hautes Études, fasc. 226, Paris, Champion, 1918, reimpresso com um suplemento (1954), pp. 132-33; 26) M. Lot-Brodine, "Autour du Saint Graal", *Romania* 57 (1931), pp. 146-67; 27) Jean Marx, "Robert de Boron et Glastonbury", *Le Moyen Âge*, 59, 1953, pp. 69-86 (reimpr. in *Nouvelles Recherches sur la littérature arthurienne*, Paris, Klincksieck, 1965, pp. 139-52); 28) Charles Mela, *La reine et le Graal. La conjointure dans les romans du Graal, de Chrétien de Troyes au Livre de Lancelot*, Éditions du Seuil, Paris, 1979, passim; 29) Bodo Mergell, "Der Gral in Wolfram's *Parzival*", *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur*, 74 (1952), pp. 77-117; 30) Bodo Mergell, "Zur Entstehungsgeschichte der Sage und Dichtung vom Graal", *Germanische romanische Monatsschrift*, N. F., 3 (1953), pp. 91-109; 31) A. Micha, "Sur toris versu du *Joseph* de Robert de Boron (v. 2785-7)", *Romania* 75 (1954), pp. 240-3; 32) A. Micha, "L'origine de la Table du Graal et de la Table Ronde chez Robert de Boron", *Romania Philology*, 9 (1955-6), pp. 173-7; 33) A. Micha, "La table Ronde chez Robert de Boron et dans la *Queste del Saint Graal*", in *Les Romans du Graal dans la littérature des XIIe et XIIIe siècles* (Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique),

Paris, 1956, pp. 119-36; 34) A. Micha, "Matière et 'sen' dans l'Estoire dou Saint Graal de Robert de Boron", *Romania* 89 (1968), pp. 457-80; 35) Rosemary Morris, "Uther and Igerne: A Study in Uncourty Love", *Arthurian Literature*, Boydell & Brewer, IV (1985), pp. 70-92; 36) W. A. Nitze, "The Home of Robert de Boron", *Modern Philology*, 40 (1942-3), pp. 113-6; 37) W. A. Nitze, "What did Robert de Boron write?", *Modern Philology*, 41 (1943-4), pp. 1-5; 38) W. A. Nitze, "Messire Robert de Boron: Enquiry and Summary", *Speculum*, 28 (1953), pp. 279-327; 39) W. A. Nitze, "Encore une fois 'descovered'", *Romania* 74 (1953), pp. 224-7; 40) R. O'Gorman, "Ecclesiastical Tradition and the Holy Grail", *Australian Journal of French Studies*, 6 (1969), pp. 3-8; 41) R. O'Gorman, "A Note on the Orthodoxy of Robert de Boron", *Neuphilologische Mitteilungen*, 80 (1979), pp. 387-9; 42) A. Pauphilet, *Le Legs du Moyen Âge*, Melun, Librairie d'Argences (1950), pp. 184-9; 43) J.-C. Payen, "Sur Robert de Boron, Joseph, v. 341 ss.", *Le Moyen Âge*, 71 (1965), pp. 423-32; 44) J.-C. Payen, *Le motif du repentir dans la littérature française médiévale*, Geneva, Droz (1968), pp. 404-19; 45) Rupert T. Pickens, "Histoire et commentaire chez Chrétien de Troyes et Robert de Boron. Robert de Boron et le livre de Philippe de Flandre", in *The Legacy of Chrétien de Troyes*, ed. Norris J. Lacy, II, pp. 17-39; 46) Kurt Ruth, "Joachitische Spiritualität im Werke Roberts von Boron", in *Typologia Litterarum. Festschrift Max Wehrli*, Atlantis (1969), pp. 167-96; 47) Elisabeth Schmid, *Familiengeschichten und Heilsmythologie. Die Verwandtschaftsstrukturen in den französischen und deutschen Grailromanen des 12 und 13. Jahrhunderts* (Zeitschrift für Romanische Philologie, Beiheft 211, Tübingen, Max Niemeyer, 1986, pp. 1-34; 48) Armand Strubel, *La Rose, Renart et le Graal. La littérature allégorique en France au XIIe siècle*, Slatkine, Geneva-Paris, 1989, pp. 259-63; 49) L. Struss, "Le roman de l'histoire du Graal de Robert de Boron", in *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters*, ed. J. Frappier e R. Grimm, vol. IV, 1, Heidelberg, Carl Winter, 1978, pp. 361-75; IV, 2, pp. 199-200; 50) A. Viscardi, "Il Graal, Giuseppe d'Arimatea, l'abbazia di Glastonbury e le origini cristiane della Britannia", *Cultura Neolatina*, 2 (1942), pp. 87-103; 51) E. Wechsler, "Untersuchungen zu den Graakromanen", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 23 (1899), pp. 136-73; 52) F. Zambon, "La lettre de Petrus (Robert de Boron, Joseph, versos 3107 et ss.) et le motif de 'La lettre tombée du ciel' dans la littérature gnostique et apocryphe. Images et Signes de l'Orient dans l'Occident médiéval" (*Litterature et civilisation*), *Sénéfiance*, 11 (1982), pp. 371-83; 53) F. Zambon, "Graal et hérésie: le cas du Joseph de Robert de Boron", in *Actes du 14e Congrès International Arthurien*, Rennes, 1984, Presses Universitaires de Rennes (1985), II, pp. 687-706; 54) F. Zambon, *Robert de Boron e i segreti del Graal*, Leo S. Olschki, Florence, 1984; 55) Estudos adicionais do Merlin de Robert, 55) R. Howard Bloch, "Merlin and the Modes of Medieval Legal Thinking", in *Archéologie du signe*, ed. Lucie Brind'Amour e Eugene Vance, Recueil d'Études Médiévales, 3, Toronto, Institut Pontifical d'Études Médiévales (1983), pp. 127-44; 56) Larry S. Crist, "Les Livres de Merlin", in *Mélanges offerts à Pierre Jonin, Senefiance*, 7, Aix-en-Provence e Paris, Champion (1979), pp. 197-210; 57) Carol E. Harding, *Merlin and Legendary Romance*, Garland Publishing, Nova York & Londres (1988), pp. 84-96; 58) Jean Markale, *Merlin l'Enchanteur*, Collection "Question de", Retz, 1981; 59) A. Micha, "Deux Études sur le Graal II. Le Livre du Graal de Robert de Boron", *Romania* 75 (1954), pp. 316-52; 60) A. Micha, "L'influence du Merlin de Robert de Boron", *Mélanges J. Rychner*, Geneva, Droz, 1980; 62) Huges Micha, "Reflets du monde contemporain dans le Merlin de Robert de Boron", *Revue des Langues romanes*, LXXXI (1975), pp. 395-430; 63) J.-C. Payen, "L'art du récit dans le Merlin de Robert de Boron, le Didot-Perceval et le Perlesvaus", *Romanic Philology*, XVII (1964), pp. 570-85; 64) Paul Zumthor, *Merlin le prophète*, Lausanne (1943), pp. 132-58.

4 Na visão de Jean Marx (*Novelles Recherches* [26], p. 151) o próprio Robert de Boron verteu as redações em verso do *Joseph-Merlin* para prosa, mas em minha opinião essa suposição é gratuita e deve ser rejeitada. Não existe nenhuma evidência para sustentar a opinião de Golther de que o escritor anônimo das versões em prosa era também o autor do *Didot-Perceval* (W. Golther, *Parzeval und der Graal in der Dichtung des Mittelalters und der Neuzeit*, Stuttgart, 1925, p. 70).

O *Joseph* em prosa foi editado por Eugène Hucher (*Le Saint Graal ou le Joseph d'Arimatee*, Le Mans e Paris, vol. I, 1875, pp. 209-76; texto do ms. B. N. fr. 748, pp. 277-333; texto do ms. Didot, pp. 335-74, variantes do ms. Huth; por George Weidner (*Joseph d'Arimatee, der Prosaroman von Joseph von Arimatee mit einer Einleitung Über die handschriftliche Überlieferung*, Oppeln, 1881) por William Roach ("The Modena Text of the prose Joseph d'Arimatee", *Romanic Philology*, IX, 1955-56, pp. 313-42), por Richard O'Gorman ("The Middle French redaction of Robert de Boron's Joseph d'Arimatee", *Proceedings of the American Philological Society*, vol. 122, 1978, pp. 261-85; texto do ms. B. N. fr. 1469), por B. Cerquiglini (*Le Roman du Graal, manuscrit de Modène*, Paris, Bibliothèque Médiévale, 10/18, 1981, pp. 1-71). O *Merlin* em prosa foi editado por H. O. Sommer (*The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, The Carnegie Institution of Washington, 1908, II, pp. 1-88, linha 18, texto da British Library, ms. Add. 10292), G. Paris e J. Ulrich (*Merlin, roman en prose du XIIIe siècle*, SATF, Paris, 1886, I, pp. 1-146, texto do ms. Huth (British Library, Add. 38117)), A. Micha (*Merlin, Roman en prose du XIIIe siècle*, TLF, 1980, texto do ms. B. N. fr. 747), e por B. Cerquiglini (*Le Roman du Graal, manuscrit de Modène*, Paris, Bibliothèque Médiévale, 10/18, 1981, pp. 72-195).

Sobre a tradição e o estilo manuscritos do *Joseph* em prosa, ver: B. Cerquiglini, "Sur la prose du Joseph d'Arimatee, forme et statut de la Parole", *Perspectives Médiévales*, 3 (1977), pp. 43-56; Alan E. Knight, "A previously unknown prose Joseph d'Arimatee", *Romanic Philology*, 21 (1967-68), pp. 174-83; Richard O'Gorman, "The Prose Version of Robert de Boron's Joseph d'Arimatee", *Romanic Philology*, 23, 1970, pp. 449-61; "La tradition manuscrite du Joseph d'Arimatee en prose de Robert de Boron", *Revue d'Histoire des Textes*, I (1971), pp. 145-81.

Sobre a tradição manuscrita do *Merlin* em prosa, ver: A. Micha, "Les manuscrits du Merlin en prose de Robert de Boron", *Romania* 79 (1958), pp. 78-93, 145-74; F. Bogdanow, "Quelques fragments inconnus de la mise en prose du Merlin de Robert de Boron", *Romania* 90 (1969), pp. 123-33; P. Colin, "Un nouveau manuscrit du Merlin en prose et de la Suite-Vulgate", *Romania* 88 (1967), pp. 133-42; R. O'Gorman, "Un nouveau manuscrit du Merlin en prose de Robert de Boron", *Romania* 84 (1963), pp. 251-5; V. Roland, "Folio Liminal et reception du texte: les manuscrits parisiens du Merlin en prose", *Bibliographical Bulletin of the International Arthurian Society*, XLIII (1991), pp. 257-69.

5 Os dois mss. do *Joseph-Merlin* em prosa seguidos do *Didot-Perceval* são os assim chamados ms. Didot (B. N. fr. n. a. 4166) e o ms. Módena (Biblioteca Estense, E. 39). O *Didot-Perceval* foi editado por E. Hucher (*Le Saint Graal ou Le Joseph d'Arimatee*, Le Mans e Paris, vol. I, 1875, pp. 415-505, texto do ms. Didot), por W. Roach (*The Didot Perceval according to the Manuscripts of Modena and Paris*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1941), e por B. Cerquiglini (*Le Roman du Graal, manuscrit de Modène*, Paris, Bibliothèque Médiévale, 10/18, 1981, pp. 197-302). Sobre o *Didot-Perceval*, ver F. Bogdanow, "La trilogie de Robert de Boron. Le Perceval en prose", in *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters*, vol. IV, 1 e vol. IV, 2 *Le Roman jusqu'à la fin du XIIIe siècle*, ed. J. Frappier e R. R. Grimm, Heidelberg, Carl Winter (1984), IV, 1, pp. 513-35; IV, 2, pp. 173-7; Lothar Struss, "Le Didot-Perceval", in *Grundriss*, IV, 2, pp. 21-41; R. T. Pickens, "Mais de pou ne parole pas Crestiens de Troies: A re-examination of the Didot-Perceval", *Romania* 105 (1984), pp. 492-510.

6 Sobre o Ciclo da Vulgata, ver especialmente: F. Lot, *Étude sur le Lancelot en prose*, Bibl. de l'École des Hautes Études, fasc. 226, Paris, Champion, 1918 (reimpr. 1945); J. D. Bruce, *The Evolution of Arthurian Romance*, Göttingen 1923 (reimpr. Peter Smith, Gloucester Mass., 1958), I, pp. 366-457, II, pp. 136-44, 308-79; J. Frappier, *Étude sur la Mort le Roi Artu*, Paris, Droz, 1936; 2e éd., revue et augmentée, Geneva, 1972; E. Kennedy, *Lancelot and the Graal, a Study of the Prose Lancelot*, Oxford, Clarendon Press, 1986; A. Leupin, *Le Graal et la Littérature*, Lausanne, Éditions l'Âge d'Homme, 1982; A. Micha, *Essais sur le cycle du Lancelot-Graal*, Geneva, Droz, 1987.

O Ciclo da Vulgata completo foi editado por H. O. Sommer, *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, The Carnegie Institution of Washington: I (1909): *l'Estoire del Saint Graal*, II (1908): *l'Estoire de Merlin*; III (1910); IV (1911); V (1912) *Le Livre de Lancelot del Lac*; VI (1913) *Les Aventures ou la Queste del Saint Graal*; VII (1913) *Le Livre d'Artus; Index of Names and Places* (reimpr. Ams Press, Nova York, 1959, 1979). A maior parte das seções do Ciclo também foi editada separadamente: 1) *l'Estoire del Saint Graal*, E. Hucher, *Le Saint Graal ou le Joseph d'Arimatee*, Le Mans e Paris, vol. II, 1877, vol. III, 1878; F. J. Furnivall, *Seynt Graal, or the Sank Ryal. The history of the Holy Graal, partly in English verse, by Henry Lonelich Skynner... and wholly in French prose, by Sires Robiers de Borron*, impresso para o Roxburgh Club, Londres, I, 1861, II, 1863; 2) O *Lancelot* em prosa: E. Kennedy, *Lancelot del Lac: the non-cyclic Old French prose romance*, 2 vols., Oxford, Clarendon Press, 1980; A. Micha, *Lancelot, roman en prose du XIIIe siècle*, 9 vols., TLF, 1978-83; 3) *A Queste e a Mort Artu. La Queste Saint Graal*, ed. A. Pauphilet, CMFA, Paris, 1923, reimpr. 1949, 1967, 1980, 1984. *La Mort le Roi Artu*, ed. J. Frappier, Paris, Droz, 1936, TLF, Droz, 1954 reimpr., 1956, 1959.

7 Sobre o Ciclo da Post-Vulgata, ver: F. Bogdanow, "The Suite du Merlin and the Post-Vulgate Roman du Graal", in *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. R. S. Loomis, pp. 325-35; F. Bogdanow, *The Romance of the Graal*, Manchester Univ. Press, 1966; Heitor Megale, *A Demanda do Santo Graal*, T. A. Queiroz, São Paulo, 1989.

A *Post-Vulgata Suite du Merlin* foi preservada em francês em sua maior parte na British Library, Add. ms. 38117 (ed. Gaston Paris e J. Ulrich: *Merlin, roman en prose du XIIIe siècle*, SATF, Paris, 2 vols., 1886), e em Cambridge, University Library, ms. Add. 7071. Outras porções da *Suite* são encontradas nos mss. B. N. fr. 112 e 12599. Um dos fragmentos, o 112, foi publicado por H. O. Sommer: *Die Abenteuer Gawains, Ywains, Le Morholts... aus der Trilogie (Demanda) des Pseudo-Robert de Boron. Die Fortsetzung des Huth-Merlin nach der allein bekannten HS. Nr. 112 der Pariser National Bibliothek, Zeitschrift für Romanische Philologie*, Beiheft 47, 1913; o outro, por F. Bogdanow: *La Folie Lancelot, a hitherto unidentified portion of the Suite du Merlin contained in mss. B. N. fr. 112 and 12599, Zeitschrift für Romanische Philologie*, Beiheft 109 (1965). A *Post-Vulgata Queste Mort Artu*, da qual fragmentos foram preservados em francês em Oxford, Bodleian Library, Rawlinson ms. D 874, Paris, B. N. fr. 112, 116, 340, 343, Coligny, Bodmer Library, ms. 105 e vários mss. da segunda versão do *Tristan* em prosa, incluindo ms. B. N. fr. 772, foram editados por F. Bogdanow (*La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu*, Paris, SATF, vol. I, II, IV.1, 1991; vol. III, IV.2, 1993).

8 A versão portuguesa da *Estoire (O Livro de Josep Abarimathia)*, preservada no ms. 643 da Torre do Tombo, Lisboa, foi publicada em forma de edição diplomática por H. H. Carter (*The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Univ. of Carolina Press, Chapel Hill). Ivo Castro está preparando uma edição crítica do *Josep*, cuja primeira parte apareceu em 1984 (*Livro de José de Arimateia*, Faculdade de Letras de Lisboa).

9 Um fragmento da *Suite du Merlin* foi descoberto em 1979 por Amadeu-J. Soberanas na Biblioteca de Catalunha de Barcelona ("La version gallico-portuguesa de la *Suite du Merlin*. Transcription du fragment du XI<sup>e</sup> siècle de la Bibliothèque de Catalogne, ms. 2434", *Vox Romanica*, 38).

10 A *Post-Vulgata Queste-Mort Artu (A Demanda do Santo Graal)* foi preservada em um único manuscrito (ms. 2594 da Österreichische Nationalbibliothek) e cuja primeira edição completa foi publicada por A. Magne (*A Demanda do Santo Graal*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, 3 vols., 1944; 2<sup>a</sup> edição revista - A. Magne, *A Demanda do Santo Graal, reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena* (Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, t. I, 1955, t. II, 1970; Glossário, t. I, 1967). Para uma excelente edição modernizada, ver Heitor Megale, *A Demanda do Santo Graal* (texto modernizado com base em cópia do século XV e nas edições Magne de 1944 e 1955-70, feito o cotejo com a edição dos 70 primeiros in-fólios por Reinhardtsoetner em 1887, com preenchimento das interrupções do apógrafo quinhentista - ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena - utilizadas as edições Pauphilet e Bonilla y San Martín), T. A. Queiroz, São Paulo, 1988, reimpr., 1989.

11 O ms. de Salamanca contém diversos fragmentos da redação castelhana da *Post-Vulgata*: 1) ff. 251r-282r: uma porção da *Estoire del Saint Graal (Josep Abarimathia)*, 2) ff. 282v-296r: uma porção da versão em prosa de Robert de Boron (*Libro de Merlin*) correspondente aos parágrafos 1-16 linha 115 da edição Micha do *Merlin*, 3) ff. 298v-300v: uma pequena seção da *Post-Vulgata Mort Artu (Lançarote)*. Esses fragmentos foram publicados por K. Pietsch (*Spanish Graal Fragments: El Libro de Josep Abarimathia, La Estoria de Merlin, Lançarote*, Modern Philology Monographs of the University of Chicago, I, 1924, II, 1925).

12 *El Baladro del sabio Merlin con sus profecias*, Burgos, Juan de Burgos, 1498. O *Baladro*, que inclui em acréscimo à versão em prosa do *Merlin* de Robert a *Post-Vulgata Suite du Merlin*, foi publicado por Pedro Bohigas (*El Baladro del Sabio Merlin segun el texto de la edicion de Burgos de 1498*, 3 vols., Barcelona, Selecciones Bibliófilas, Segunda Serie, I, Barcelona, 1957, II, 1961, III, 1962). O *Merlin* de Robert está no vol. I, pp. 22-186.

13 A edição de 1535 de Sevilha, que contém em acréscimo ao *Merlin* e *Suite du Merlin* a versão castelhana da *Post-Vulgata Queste-Mort Artu (La Demanda del Sancto Grial)*, foi publicada por Bonilla y San Martín (*La Demanda del Sancto Grial, Primera Parte: El Baladro del sabio Merlin con sus profecias. Segunda Parte: La Demanda del Sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo. Libros de Caballerias. Primera Parte: Ciclo arturico*, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 6, Madrid, 1907). O *Merlin* de Robert está nas pp. 3-52 da edição Bonilla. A única cópia restante da edição Toledana de 1515 da *Demanda* espanhola (preservada na British Library) foi juntada à edição de 1535 do *Baladro*.

14 *Le Roman de Brut de Wace*, ed. I. D. O. Arnold (SATF), I, 1938, II.

15 Para edições da *Historia* de Geoffrey, ver E. Faral, *La Légende Arthurienne: Étude et Documents*, 3 vols., Paris, Champion (1919), III, p. 63-303, E. H. Wright, *Historia Regum Britanniae*, I, Bern Burgrebibliothek ms. 568, Cambridge, Boydell & Brewer, 1984; II: a primeira versão variante, 1988.

16 Ver *Brut*, versos 9747-56 e 13266-71.

17 Reconhecidamente, em dois de seus romances, o *Lancelot* e o *Yvain*, as aventuras de um cavaleiro, Galvão, parecem encaixar no sentido de que no *Yvain* Galvão desempenha um papel significativo somente no início e no final, e então o faz parecer livre para desempenhar um papel no resgate de Genevra no *Lancelot*. Não há nada, no entanto, mesmo nesses dois romances, que sugira que Chrétien concebeu um como seqüência do outro.

18 Ver Henri de Lubac, *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, Aubier, Editions Montaigne (Théologie. Etudes publiées sous la direction de la Faculté de théologie S. J. de Lyon-Fourvière), 2 vols., 1959, II, p. 467; Peter Classen, "Res Gestae, Universal History, Apocalypse, Visions of Past and Future", in *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, editado por Robert L. Benson e Giles Constable, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1982, pp. 387-417 (particularmente pp. 387-92).

19 Henri de Lubac, *Exégèse Médiévale*, II, p. 467.

20 "Historiam praecipue, quae, iocunda quadam gestorum notitia mores condiens, ad bona sequenda vel mala cavenda legentes exemplis irritat" (*Gesta regum* 2 prologus, 1103). Cf. P. Classen, art. cit., p. 391.

21 Ver: E. Gilson, *La Philosophie au Moyen Age*, 2 vols., Paris (Petite Bibliothèque Payot), 1976, vol. I, 168-72; André Vauchez, *La Spiritualité du Moyen Age*, Paris, Presses Universitaires de France, 1975, pp. 62-5. Essa concepção de história remonta obviamente ao Antigo Testamento (cf. A. M. Dubarle, *Le péché originel dans l'Écriture*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1976, pp. 25-31).

22 Gildas, *The Ruin of Britain and other works*, editado e traduzido por Michael Winterbottom, Londres e Chichester, Phillimore and Co. Ltd., 1978.

23 Cf. Robert W. Hanning, *The Vision of History in Early Britain from Gildas to Geoffrey of Monmouth*, Nova York e Londres, Columbia University Press, 1966; Susan M. Schwarz, "The founding and Self-Betrayal of Britain: An Augustinian Approach to Geoffrey of Monmouth's *Historia Regum Britanniae*", *Medievalia et Humanistica*, nova série, nº 10, 1981, pp. 33-53.

24 Geoffrey of Monmouth, *The History of the Kings of Britain*, traduzido por L. Thorpe, Penguin Classics, 1966, p. 54; "Postremo quinque inhabitur populis, Normannis videlicet, atque Britannis, Saxonibus, Pictis et Scotis. Ex quibus Britones olim ante ceteros a mari usque ad mare insederunt, donec ultione divina, propter ipsorum superbiam superveniente, Pictis et Saxonibus cesserunt" (*Historia*, ed. Faral, in *La Légende Arthurienne*, III, cap. 5, p. 73, linhas 24-8).

25 Idem, ibidem p. 280; "Quo igitur, ut dicere coeperam, languente, discordio afflicuntur Britones et opulentam patriam detestabili discidio destruunt" (*Historia*, op. cit. cap. 203, pp. 299-30, linhas 1-3).

26 Idem, ibidem p. 281; "Unde miseræ reliquæ patriam, factis agminibus, diffugientes transmarinas petebant regiones" (*Historia*, op. cit. cap. 203, p. 300, linhas 24-8).



27 Idem, *ibidem* p. 282; "Britannia ergo cunctis civibus, exceptis paucis... desolata per .IX. annos" (*Historia*, op. cit. cap. 204, p. 301, linhas 4-6).

28 Idem, *ibidem* p. 281; "Vae nobis peccatoribus ob immania scelera nostra, quibus Deum offendere nullatenus diffugimus, dum paenitentiae spatium habebamus. Incumbit ergo illius potestatis ultio... Ipse verus iudex, cum vidisset nos nullatenus a sceleribus nostris cessare velle... volens corrumpere stultos, indignationem suam diraxit, qua propriam nationem catervatim deserimus" (*Historia*, op. cit. cap. 203 p. 300, linhas 14-25). Wace, por outro lado, em seu *Brut*, interpreta o infortúnio da Grã-Bretanha como *mesaventure* (14673) e omite deliberadamente as palavras de partida de Cadvalader (14700).

29 Idem, *ibidem* p. 234; "En vaticinia Sibillae, quae veris testantur, ex britannico genere tertio nasciturum qui romanum obtinebit imperium" (*Historia*, op. cit. cap. 160, p. 251, linhas 18-20).

30 A palavra *graal* (nominativo *graus*) não foi, obviamente, inventada por Chrétien. Já encontramos a palavra no decassílabo *Roman d'Alexandre* (ed. W. Foerster, *Altfranzösisches Übungsbuch*, 1915) composto uns dez anos ou mais antes do *Conte du Graal* de Chrétien. No verso 618 daquele poema encontramos a palavra *graal* em seu sentido normal de "travessa", "prato": "Ersoir mangai o toi a ton graal". (Cf. Jean Frappier, *Chrétien de Troyes et le mythe du Graal. Etude sur Perceval ou le Conte du Graal*, Paris, Société d'édition d'Enseignement Supérieur, 1972, pp. 5-8.)

31 Cf. F. Bogdanow, "The mystical theology of Bernard de Clairvaux and the meaning of Chrétien's *Conte du Graal*", in *Chrétien de Troyes and the Troubadours. Essays in memory of the late Leslie Topsfield*, ed. Peter S. Noble and Linda M. Paterson, St. Catherine's College, Cambridge, 1984, pp. 249-82.

32 Quando o tio eremita explica a Perceval a causa de sua falta, refere-se a seu pecado involuntário de ter causado a morte de sua mãe: "Frere, molt t'a neü/ Uns pechiez dont tu ne sez mot;/ Ce fu li doels que ta mere ot/ De toi quant departis de li ./.../ Pechiez la langue te trancha" (*Conte du Graal*, versos 6392-5; 6409).

33 "Apovri et deshelté/ Et escillé furent a tort/ Li gentil home après la mort/ Uterpandragon qui rois fu/ Et peres le bon roi Artu/ Les terres furent escillies/ Et les povres gens avillies/ Si s'en fu qui fulr po/ (Chrétien de Troyes, *Le roman de Perceval ou le Conte du Graal*, ed. William Roach, TLF, 1956, versos 442-9).

34 "La lance dont la pointe lerne/ Le sanc tot cler que ele plore/ Et s'est escrit qu'il ert une hore/ Que toz li roiaimes de Logres./ Qui jadis fu la terre as ogres/ Sera destruis par cele lance" (Chrétien de Troyes, *Le Conte du Graal*, versos 6166-71).

35 Ver particularmente André Vauchez, *La Spiritualité du Moyen Age*, Paris, P.U.F., 1975, pp. 62-5

36 André Vauchez, op. cit., p. 63.

37 *Joseph*, versos 1-592.

38 Idem, versos 2535-6, 2788-96; *Merlin*, parágrafo 49, linhas 75-83.

39 Ver *Joseph*, versos 3371-73: "Lors sera senefiance/ Acomplie et la demoustrance/ De la benoite Trinité". Cf. também versos 871-5: "Josep, bien ce saras garder, Que tu ne le dois commander/ Qu'a trois persones qui l'arunt. Ou non dou Pere le penrunt/ Et dou Fil et dou Saint Esprit".

40 *De Adventu Domini*, sermão 3, parágrafo 4, como traduzido por Charpentier (*Oeuvres complètes de Saint Bernard, traduction nouvelle* par M. l'abbé Charpentier, Paris 1867, vol. 2, p. 711); *Patrologia Latina*, ed. Migne, vol. 183, p. 45: *Triplicem enim ejus adventum novimus; ad hominem, in homines, contra homines*. Cf. Bodo Mergell [29], p. 81.

41 *De Adventu Domini*, sermão 5 parágrafo 1; trad. Charpentier, vol. 2, p. 720. *Patrologia Latina*, ed. Migne, vol. 183, p. 50-51.

42 Ver *Conte du Graal*, versos 577-94, 166-1670, 6265-300.

43 "D'une sole oiste le sert or/ Que l'en cel graal li porte" (*Conte du Graal*, versos 6422-3).

44 Ver *Joseph*, versos 2563-6; 2615-22; 2740-4.

45 "De ce ne doit douter hons nus/ Que vous ne soiez entechié/ De ce vil dolereus pechié./ Dont Joseph enquerre felstes/ Et pour quoi la grace perdistes" (*Joseph*, versos 2580-2584); "Cil dient: 'Par ce veisselo ci/ Summes nous de vous departi/ Car il n'a a nul pecheour/ Ne compaignie ne amour" (*Joseph*, versos 2627-30). Cf. *Joseph*, versos 2592-6.

46 Sobre as fontes do *Joseph*, ver *Le Gentil* [23], pp. 251-2; Micha [34].

47 *Joseph*, versos 395-7.

48 Idem, versos 550-72.

49 Idem, versos 573-4.

50 Idem, versos 575-928. Cf. nota 38.

51 Idem, versos 3310-8; 3363-74.

52 Cf. acima, nota 31.

53 Ver *Conte du Graal*, versos 6422-31.

54 Idem, versos 3280-9.

55 A mãe diz a Perceval: "N'ot chevalier de si haut pris./ Tant redouté ne tant cremu./ Biax fix, com vostre pere fu/ En toutes les illes de mer./ Biax fix, bien vos poez vanter/ Que vos ne dechaez de rien/ De son lignage ne del mien./ Que je sui de chevaliers nee./ De meilleurs de ceste contree" (*Conte du Graal*, versos 420-4).

56 *Joseph*, versos 2683-4.

57 Cf. *Joseph*, versos 921-8, onde Cristo explica de modo semelhante a José que aqueles que se lembram de seu ensinamento "não podem ser derrotados em uma batalha judicial ou destituídos de seus direitos".

58 *Conte du Graal*, versos 436-7.

59 "Sa grant terre, ses grans tresors./ Que il avoit come pseudom./ Ala tot a perdicion./ Si chal en grant povreté" (*Conte du Graal*, versos 438-441).

60 *Joseph*, verso 3487.

61 "Sire Diex, sui je donques teus/ Que le veissel si precieus/ Puisse ne ne doie garder/ Ou fis vostre saint couler?" (*Joseph*,

versos 865-8).

82 \*Car nus ne set la grant amour/ Que j'ai a toi des icé jour/ Que tu jus dela croiz m'ostas./ Ne veinne gloire eün'en has./ Nus ne connoit ten cuer lolal/ Fors toi et Dieu l'esperital./ Tu m'as amé celement/ Et je toi tout certainnemet" (Joseph, versos 3490-1).

63 Chrétien, ao contrastar o conde Felipe de Flandres, que também era destituído de vaine gloire, com a futura conduta de Perceval, tornou claro desde o início que Perceval antes de sua conversão carecia de todas as virtudes do conde (ver *Conte du Graal*, 39-53). Robert obviamente tinha essa passagem em mente.

64 Joseph, verso 3311.

65 Idem, versos 3363-4.

66 \*Mais quant il se velt deporter/ Ou d'aucun deduit entremetre./ Si se fait en une nef metre/ Et va peschant a l'ameçon./ Por che li Rois Peschiere a non./ Et por che ensi se deduit/ Qu'il ne porroit autre deduit/ Por rien soffrir ne endurer" (Conte du Graal, versos 3516-23).

67 \*Et cil qui nummer le vourrunt./ Par son droit non l'apelerunt/ Adés le Riche Pescheur./ A touz jours croistera s'onneur/ Pour le poisson qu'il peescha/ Quant cele grace commença" (Joseph, versos 3343-48). Cf. Joseph, versos 3310-14: "Nostres Sires set bien adés/ Que Brons mout preudons ha esté./ Et pour ce fu sa volenté/ Que il en l'iaue peeschast/ Et qu'il le poisson pourchast/ Que vous avez en vo servise".

68 Joseph, verso 3148. Cf. versos 3167-70: "Dist li: 'Biaus niés, boens devez estre/ Quant de no seigneur, de no meistre./ Avez teu grace recouvree/ Ou'ele vous est de Dieu donnee".

69 Henri de Lubac, *Exégèse Médiévale*, vol. II, p. 625.

70 Joseph, versos 3379-90.

71 Cf. versos 3102-4: "Et en touz les lius ou venra./ Touz jours essaucera men nom/ Par trestoute la region".

72 Merlin, parágrafo 48, linhas 84-9: "Et vos di que cist vaissiaus et les genz qui le gardent se sont traites par la volente de Jhesu Christ vers occident en cestes parties, et cil meimes qui ne sevent quel part li vaissiaus est s'i sont trait, si com Nostre Sires lesconduit qui toutes lesbonnes choses moine a point".

73 Robert omite os primeiros 88 capítulos da *Historia* de Geoffrey (ed. Faral, III, pp. 71-164, linha 48) correspondentes a Wace, *Brut*, versos 1-6436.

74 Wace, *Brut*, versos 7440-5: "Trové avum, dist il, escrit./ Ou'une manere d'esperit/ Est entre la lune e la terre./ Ki vult de lu nature enquerre./ En partie unt nature humaine/ E en partie souveraine./ Incubi demones unt nun./ Par tut l'air unt lur regun./ E en la terre unt lur repaire./ Ne püent mie mult noisir/ Fors de gaber e d'escharnir./ Bien prenent humaine figure/ E ço cunsent bien lur nature./ Mainte meschine unt deceüe./ E en tel guise purgeüe./ sai puet Merlin estre nez/ E issi puet estre engendrez".

75 Merlin, parágrafo 1, linhas 2-3.

76 Idem, linhas 22-60.

77 Idem, parágrafo 2, linhas 1-61.

78 Joseph, versos 3065-8: "Ne li oblie pas a dire/ qu'il se gart de courouz et d'ire./ Que il enhorbetez ne soit./ Maubailiz est qui bien ne voit".

79 Merlin, parágrafo 3, linhas 1-27; parágrafo 4, linhas 1-70.

80 Idem, parágrafo 6, linhas 27-8. Essas linhas são um eco deliberado das linhas do Joseph citadas acima na nota 79.

81 Idem, linhas 37-9. Cf. Merlin, parágrafo 1, linhas 83-5.

82 Idem, linhas 39-40.

83 Bernardo de Claraval, *In Psal. Qui Habitat*, sermão XI, parágrafo 2 (trad. para o inglês por Marie-Bernard Said, *Sermons on the psalm "He who dwells"*, The Cistercian Fathers Series, nº 25, Cistercian Publications, Kalamazoo, Michigan, 1981), p. 214; *Patrologia Latina*, ed. Migne, vol. 183, p. 232: "Caeterum si descendunt maligni ut circumveniant, gratias ei cujus mandato decedunt et benigni angeli, ut subveniant nobis, ut custodiant nos in omnibus viis nostris".

84 *In Psal.*, sermão XI, parágrafo 3, trad. para o inglês M.-B. Said, p. 215; *Patrologia Latina*, 183, p. 232: "Nec aliunde quam ex ipsius usurpatione diaboli sumpta videtur occasio, ut in hoc quoque nequissimus ille servus filii serviat vel invitus. Quis enim tam molestum ei, quid nobis esse poterat tam jucundum, quam ut etiam malum ejus nobis cooperaretur in bonum".

85 Não há nada que corresponda a essa passagem na *Historia* de Geoffrey ou no *Brut* de Wace, e em nenhuma dessas obras ou na *Vita Merlini* de Geoffrey é feita qualquer tentativa para explicar a origem dos dons proféticos de Merlin.

86 Merlin, parágrafo 10, linhas 48-55. Nem em Geoffrey nem em Wace Merlin é batizado.

87 Bernardo de Claraval, *On Grace and Free Choice*, trad. para o inglês por Daniel O'Donnovan (The Cistercian Fathers Series, nº 19, Cistercian Publications, Kalamazoo, Michigan, 1977), cap. 6, parágrafo 18, pp. 73-4; "Creati quippe quodammodo nostri in liberam voluntatem, quasi Dei efficimur per bonam voluntatem... Itaque libera voluntas nos facit nostros; mala, diaboli; bona, Dei... Cum ergo per malam voluntatem sumus diaboli, quodammodo interim non sumus Dei: sicut cum per bonam voluntatem efficimur Dei, desinimus jam esse diaboli. 'Nem siquidem potest duobus dominis servire', (Mat. VI, 24)... Sane diabolo nostra nos mancipat voluntas, non ipsius potestas: Deo subicit ejus gratia, non nostra voluntas" (*Patrologia Latina*, vol. 182, p. 1011).

88 \*Mais je voil bien que tu saiches qu'en grant travail ne seront devant le quart roi, et cil rois a cui tens ce sera cui cil grant travail seront avra non Artus" (Merlin, parágrafo 23, linhas 40-2).

89 Robert W. Hanning, *The Vision of History in Early Britain...*, p. 140.

90 Idem, ibidem.

91 Idem, ibidem.

92 Geoffrey, *Historia*, ed. Faral, vol. III, p. 221-4 (cap. 137, linhas 18-84); Wace, *Brut*, versos 8572-736; Merlin, cap. 52, linha 11, cap. 66, linha 42.

93 \*Et Merlins respont: 'Ulfin est auques bien aquitez dou pechié que il ot des amors faire, mais je ne me sui mie aquitez

dou pechié que j'ai de la dame et de l'engendeure que ele a dedanz soi, et si ne set de cui" (Merlin, cap. 73, linhas 15-9).

94 Muito antes da concepção de Artur, Merlin, por meio de seu dom dado por Deus de prever o futuro, sabia que haveria na Grã-Bretanha um rei chamado Artur do qual a estória da vida seria uma inspiração para todos que a ouvissem: "Et saiches bien que onques nule vie de genz ne fu plus volentiers oie de fois ne de saiges que sera cele dou roi qui avra non Artur" (Merlin, cap. 23, linhas 52-5).

95 Merlin, cap. 48, linhas 35-92.

96 "Et je vos dirai ce que je sai que Nostre Sires volt que vos sachiez; et quant vos le savroiz, si gardez que vos en ovrez selonc sa volenté" (Merlin, cap. 48, linhas 35-7).

97 "Molt me mervoil dou leu volt... Et Merlins respont: "Tant te puis je bien dire que il ne sera ja acompliz a ton tens,... et covendra a celui qui doit acomplir cest leu acomplir avant celui dou vaissel dou Graal,... mais ce sera au tens le roi qui après toi verra" (Merlin, cap. 49, linhas 75-80 e 82-3).

98 Merlin, cap. 78, linhas 26-27. Cf. cap. 78, linhas 32-5.

99 Cf. São Bernardo: "Bona mors justorum propter requiem, melior propter novitatem, optima propter securitatem" (Epistola CV, *Patrologia Latina*, 182, p. 110).

100 Em todas as três versões, o marido de Igerne, o duque de Cornualha, morre em batalha na noite em que Artur é concebido, mas somente em Geoffrey e Wace, Uter e Igerne realmente se casam em seguida e Artur é reconhecido imediatamente como filho de Uter em seu nascimento (Geoffrey, ed. Faral, vol. III, p. 225, cap. 138, linhas 21-8; Wace, *Brz*, linhas 8814-8).

101 Cf. as palavras de Merlin a Uter pouco antes da morte deste: "Tu as fait molt bele fin, se la conscience est tele com la semblance..." (Merlin, cap. 79, linhas 45-7).

102 Ver Merlin, cap. 83-91.

103 Idem, cap. 85, linhas 17-8.

104 Idem, cap. 91, linhas 32-3.

105 Conte du Graal, linhas 4669-83.

106 No final de seu *Joseph*, no ponto em que José entrega o Graal a Bron, o Riche Pescheor, Robert enumera em quatro os temas que restam ser completados: 1) a estória de Elaim e o tiers honz; 2) o destino de Petrus; 3) o destino de Moïz; 4) o destino de Bron (*Joseph*, versos 3463-80). Mas Robert diz que deixaria esses quatro temas de lado até que pudesse voltar a eles, "se ele os encontrasse em um livro": "Ces quatre choses rassembler/ Couvient chascune, et ratourner/ Chascune partie par soi/ Si comme ele est... Meis je fais bien a touz savoir/ Qui cest livre vorunt avoir./ Que, se Diex me donne sante/ Et vie, bien el volenté/ De ces parties assembler./ Se en livre les puis trouver" (*Joseph*, linhas 3481-4; 3495-500). Nesse meio tempo ele se voltaria para o quinto tema, o de Merlin e Artur: "Aussi cumme d'une partie/ Leisse, que je ne ratrie mie./ Aussi couvendra il conter/ La quinte, et les quatre oublier./ Tant que je puisse revenir/ Au retraire plus par loisir/ Et a ceste uevre tout par moi./ Et chascune mestre par soi" (*Joseph*, versos 3501-8).

107 "Et quant cil fluz sera venuz./ Li veissiaus li sera renduz/ Et la grace, et se li diras/ De par moi et commanderas/ Que il celui le recomant/ Ou'il le gart des or en avant/... Dou tierz, ce te di ge pour voir./ Fera Jhesu Criz sen vouloir./ Qui sires est de ceste chose./ nus oster ne li puet ne ose" (*Joseph*, versos 3365-70; 3375-8).

108 Cf. Merlin, cap. 50, linhas 79-83, onde Merlin explica a Uter que o assento vago à mesa do Graal deverá ser preenchido antes que o da távola redonda, e que isso terá lugar no tempo do sucessor de Uter: "et convendra a celui qui doit acomplir, ne ce n'avendra mie a ton tens, mais ce sera au tens le roi qui après toi vendra".

109 Merlin, cap. 49, linhas 63-5.

110 "Tali mihi et de talibus multotiens cogitanti obtulit Walterus. Oxenefordensis archidiaconus... quemdam britannici sermonis librum vetustissimum, qui a Bruto, primo rege Britonum, usque ad Cadwalladrum, filium Cadwallonia, actus omnium continet et ex ordine perpulchris orationibus proponebat. Rogatu itaque illius ductus... codicem illum in latinum sermonem transferre curavi" (*Historia*, op. cit. cap. 2, p. 70, linhas 1-10).

111 "Crestiens, qui entent et paine/ Par le comandement le conte/ A rimoiar le meilleur conte/ Qui soit contez a cort roial:/ Ce est il Contes del Graal./ Dont il quens li bailla le livre" (Conte du Graal, versos 63-6).

112 Ver acima, nota 106.

113 *Joseph*, verso 3481.

114 "Ge n'ose conter ne retraire./ Ne je ne le pourroie/ feire./ Neis se je feire le voloie./ Se je le grant livre n'avoie/ Ou les estoires sunt escrites./ Par les granz clers faites et dites./ La sunt li grant secré escrit/ Ou'en numme le Graal et dir" (*Joseph*, versos 929-36).

115 Merlin, cap. 16, linhas 36-41. A primeira parte do "ditado" a Brás inclui um acurado resumo dos eventos do *Joseph* (ver Merlin, cap. 16, linhas 62-70) e do início da própria seção do Merlin (ver Merlin, cap. 16, linhas 75-80). O restante do "Livro" é apresentado como ditado por Merlin em suas visitas periódicas a Brás em Nortumberlândia (ver Merlin, cap. 44, linhas 1-3; cap. 50, linhas 1-4; cap. 69, linhas 1-4). "Et saiches que tes livres sera encores molt amez et molt prisiez de maintes genz qui je m'en vois que je ne te face metre aucune partie de sa vie en escrit" (Merlin, cap. 23, linhas 45-52).

116 Idem, cap. 16, linhas 36-9.

117 Idem, linhas 95-101.

118 Idem, cap. 23, linhas 53-5.

119 Idem, cap. 16, linhas 111-2. Cf. Merlin, cap. 16, linhas 105-9 onde Merlin diz a Brás que o "livro" sobre José será combinado com o dele (i.e. os que relatam os eventos que ocorreram na vida de Brás e Merlin: "si sera le Joseph ou [=com] le tuen, quant tu avras ta poine achevee... Lors si assembleras ton livre au lor, si sera bone chose provee de ma poine et de la toue").

120 Idem, cap. 23, linhas 62-4.

121 Henri de Lubac, *Exégèse Médiévale*, I, p. 336.

122 Cf. F. Bogdanow, "La trilogie de Robert de Boron: *Le Perceval en prose*", in *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters*, vol. IV, 1, p. 535.